



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

VIDAS MARCADAS

Uma série documental sobre o olhar de quem já foi invisível por viver nas ruas

Neila Pereira de Almeida

Orientadora: Prof^a Dr^a. Ana Carolina Kalume Maranhão

Brasília, 2017.

Neila Pereira de Almeida

VIDAS MARCADAS

Uma série documental sobre o olhar de quem já foi invisível por viver nas ruas

Memorial descritivo de produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Kalume Maranhão.

Brasília, 2017.

Neila Pereira de Almeida

VIDAS MARCADAS

Uma série documental sobre o olhar de quem já foi invisível por viver nas ruas

Memorial descritivo de produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Kalume Maranhão.

BANCA EXAMINADORA:

Ana Carolina Kalume Maranhão
ORIENTADORA

Dione Oliveira Moura
MEMBRO

Daniela Favaro Garrossini
MEMBRO

Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho
SUPLENTE

Brasília, 2017.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me deu a vida e me ajudou a seguir em frente apesar de todas as adversidades que enfrentei para chegar até esse momento.

À minha família, por todo o apoio e principalmente a minha mãe Raimunda e a minha avó Lídia. Elas não escondem a felicidade e orgulho que sentem de mim, mas eu não poderia deixar de dizer que eu que sou eternamente orgulhosa das mulheres que elas são, e de tudo que fizeram por mim. Agradeço também, ao meu melhor amigo e companheiro Rodrigo Gonczarowska pela paciência, pelos conselhos, por todas as noites que ele ficou acordado comigo e por ter me apoiado desde que esse projeto estava só no plano das ideias. É muito gratificante concluir mais esse desafio com você ao meu lado.

Ao Marcus Vinícius, não tenho nem palavras para definir a importância de toda a sua parceria e companheirismo durante a direção e realização deste documentário. Obrigada por ter comprado essa ideia comigo, por todas as noites que passamos conversando, via celular ou internet, para que cada detalhe deste projeto fosse realizado da melhor maneira possível. Preciso enfatizar que essa série foi realizada completamente a quatro mãos, nós dividimos todas as tarefas e decisões e esse trabalho não seria do jeito que é se não fosse a sua colaboração. Pena que um entrave burocrático impediu sua defesa junto comigo, mas todo o mérito também é seu.

À UnBTV e a sua diretora Neuza Meller, que confiou na nossa ideia e nos apoiou liberando seu quadro profissional para nos ajudar com as gravações e edição do material.

Agradeço também a toda a equipe que colaborou para tornar esse projeto possível. Serei eternamente grata ao trabalho de cada um de vocês. Ana Paula Fonseca que nos ajudou com a produção, Júlia Nogueira com a edição, Marianne de Lazari com a identidade visual e ao time responsável pelas filmagens. Alex Fábio, Bárbara Oliveira, Fernando Pires, Lucas Cândia e Raphael Stei.

O agradecimento especial vai para os quatro personagens dessa série documental. Ademir, Adriano, Cláudia e Daniele. Fico muito feliz que vocês tenham confiado na seriedade deste trabalho para expor suas histórias. Vocês são exemplos e farão a diferença na vida de muitas pessoas que ainda sonham em sair da situação de rua.

A nossa orientadora, Ana Carolina Kalume, que desde o início demonstrou tamanha confiança em nosso projeto e nos motivou imensamente a concluir essa etapa.

E por último, aos professores que me acompanharam nesta jornada e a Universidade de Brasília. A profissional que me tornei é graças a cada um de vocês.

*“Embora ninguém possa
voltar atrás e fazer um novo começo,
qualquer um pode começar agora e
fazer um novo fim.”*

(Chico Xavier)

RESUMO

A série documental “*Vidas Marcadas*” aborda as experiências de quatro pessoas que reescreveram suas histórias e conseguiram superar o período de invisibilidade experimentado durante o tempo em que viveram em situação de rua. Dividido em três episódios com cerca de 10 minutos cada, o projeto produzido entre os meses de agosto e novembro de 2017, buscou abordar de forma humanizada momentos significativos das histórias desses protagonistas. Ao longo do primeiro episódio, intitulado *O princípio*, os personagens contam como eram suas vidas antes das ruas e quais fatores os levaram a essa situação. O segundo, *A Rua*, apresenta um relato sobre os medos, dificuldades, perigos e preconceitos enfrentados por cada um deles. Por fim, em *O recomeço*, os quatro personagens contam o caminho percorrido para a retomada de suas vidas e quais seus planos para o futuro.

Palavras-chaves: Série documental; Jornalismo; População em situação de rua; Vulnerabilidade social; Relatos de vida.

ABSTRACT

The documentary series "Lives Marked" addresses the experiences of four people who rewrote their stories and succeeded in overcoming the period of invisibility experienced during the time they lived on the streets. Divided into three episodes of 10 minutes each, the project produced between the months of August and November of 2017, sought to approach in a humanized way significant moments of the stories of these protagonists. Throughout the first episode, entitled The Beginning, the characters tell how their lives were before the streets and what factors led them to this situation. The second, The Street, presents an account of the fears, difficulties, dangers and prejudices faced by each one of them. Finally, in The Resumption, the four characters tell the story of their lives and their plans for the future.

Keywords: Documentary series; Journalism; Population in street situation; Social vulnerability; Life stories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- pessoa em situação de rua em uma parada de ônibus do Eixão Sul, em Brasília.....	17
Figura 2 – Adriano Lugoli foi o primeiro personagem a ser selecionado.	29
Figura 3 – Equipe de gravações após a primeira entrevista com o Adriano Lugoli.....	33
Figura 4 - Foto da entrevista com Daniela Alves em Ceilândia- DF.....	35
Figura 5 - Foto da entrevista com Cláudia Santos na Asa Sul-DF.....	36
Figura 6 - Foto da entrevista com Adriano Lugoli no Gama - DF.....	37
Figura 7 - Gravação realizada em um sábado que contou com a colaboração do cinegrafista Fernando Pires (segundo da direita para a esquerda).....	38
Figura 8 - Arte da capa do DVD.....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista completa da equipe.....	34
Tabela 2 – Cronograma de pesquisas.....	41
Tabela 3 – Orçamento.....	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. JUSTIFICATIVA	13
2.1. Escolha do tema.....	14
3. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS	15
3.1. Objetivo geral.....	15
3.2. Objetivos específicos.....	15
4. REFERENCIAL TEÓRICO	16
4.1. Nomenclatura correta.....	16
4.2. O cidadão em situação de rua.....	17
4.3. Fenômeno social no Brasil e no Distrito Federal.....	19
4.4. Avanços em políticas públicas.....	21
4.5. Humanização no olhar jornalístico.....	24
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
5.1. Formato.....	28
5.2. Personagens.....	29
5.3. Pré-produção.....	32
5.4. Produção.....	34
5.5. Pós-produção.....	39
5.5.1. Identidade visual	39
6. CRONOGRAMA DE PESQUISA	41
7. ORÇAMENTO	42
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
Referências audiovisuais.....	48

APÊNDICES	49
I. Carta de apresentação projeto para apoio da UnBTV.....	50
II. Cronograma de marcações.....	52
III. Roteiro de perguntas.....	54
IV. Roteiro final para edição.....	56
Episódio 1: O princípio.....	56
Episódio 2: A rua.....	59
Episódio 3: O recomeço.....	63
 ANEXOS	 68
I. Autorização de uso de imagem.....	69
II. Versão de arte para mídia.....	70
III. Versão de capa do DVD	71

1. INTRODUÇÃO

Moradia limpa, digna e segura. Mesmo essa sendo uma garantia básica assegurada pelo artigo 6º do Capítulo II da Constituição Brasileira de 1988¹, a realidade por trás deste direito no Brasil ainda está longe de ser a ideal. Por conta dos abismos socioeconômicos que persistem em dividir a população em diferentes classes sociais, uma boa parcela dos brasileiros continua sem acesso a oportunidades, e um dos principais reflexos dessa situação é a falta de moradia adequada para todos.

A crise financeira, o aumento exponencial do desemprego e a dependência química são fatores relevantes que têm sua parcela de contribuição na formação do cenário em que as ruas, um espaço comum a todos, tem se tornado cada vez mais lugar de permanência dessa população menos favorecida. O Brasil não possui dados oficiais sobre o número absoluto de pessoas em situação de rua, mas a última estimativa², divulgada em 2015, revelou que naquele ano, o país tinha 101.854 dos seus habitantes vivendo essa realidade.

Em 2017, o número de pessoas em situação de rua no Distrito Federal (DF), de acordo com a Secretaria do Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (SEDESTMIDH) era de três mil pessoas, ou seja, 0,1% de toda a população da capital federal, que em 2017 era de 3 milhões de pessoas.³

O fenômeno, que persiste e a cada ano parece crescer, é um problema social que pode gerar consequências gravíssimas para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Por conta disso, o foco deste trabalho centra-se em contar histórias de vida de pessoas que fizeram parte dessa população. A proposta baseia-se na realização de uma série documental composta por três episódios, com cerca de dez minutos de duração cada. A série, produzida entre agosto e

¹BRASIL. **Constituição Federal do Brasil** - atual. Até a Emenda Constitucional nº 57, de 18/12/2008. - São Paulo: Editora Escala, 2009.

² O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) possui uma pesquisa intitulada "Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil", de Marcos Antônio Carvalho Natalino, publicada em outubro de 2016. O estudo apresenta dados referentes ao ano de 2015. Conteúdo disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

³Levantamento divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 30 de agosto de 2017. Conteúdo disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

novembro de 2017, foi dividida de forma a retratar, em cada quadro, histórias e vivências de quatro personagens que vão compartilhar suas experiências, dificuldades e aprendizados. Por meio de relatos, o projeto apresenta as lembranças dessas pessoas com o antes, durante e depois da situação de rua.

O Distrito Federal tem uma característica peculiar em comparação com o restante do Brasil. Enquanto a principal causa apontada para essa condição no país é o uso de drogas e álcool, com incidência de 35,5% do total da população de rua brasileira⁴, no DF, segundo dados da SEDESTMIDH, a principal causa que leva as pessoas à situação de rua é a ruptura de vínculos familiares, com 69% dos casos apurados. De acordo com Pereira (2008, p.70), além desses casos já citados, outros motivos podem levar uma pessoa à rua, “como brigas, abandono, doenças, transtornos mentais, perda de emprego e até a distância do local de trabalho”.

Sendo assim, para introduzir o tema, o primeiro episódio intitulado *O princípio* vai apresentar o histórico pessoal de cada um dos quatro protagonistas, o que inclui como era sua vida antes da situação de rua e quais razões os levou a esta conjuntura. O segundo episódio, *A rua*, mostra a partir do olhar desses personagens, como foi viver nesta condição, quais foram os maiores medos, dificuldades, perigos e preconceitos enfrentados.

A fome, o frio e a busca incessante para vencer a abstinência são outros fatores significativos enfrentados no dia a dia nas ruas. Em virtude disso, cada um dos quatro personagens compartilham como lidaram com tais problemas e qual foi o sentimento ao serem ignorados pela sociedade.

Por fim, *O recomeço* mostra os momentos marcantes que os fizeram pensar em sair da situação de rua e a buscar ajuda para vencer a invisibilidade. No caso dos quatro personagens entrevistados neste documentário, eles aceitaram essa nova chance e contam quais foram os fatores determinantes para essa mudança.

⁴Dados referentes à Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua encomendada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e realizada pelo Instituto Meta em 2008. Conteúdo disponível em: <https://wwp.org.br>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

2. JUSTIFICATIVA

Com base em pesquisas realizadas foi notado que a abordagem dada ao tema escolhido, especialmente por veículos midiáticos, muitas vezes reforça estigmas e até mesmo responsabiliza os próprios indivíduos em situação de rua pelo problema que enfrentam. Para Rodenzo e Montipó (2012, p.6), o trabalho dos principais meios de comunicação "transmite a impressão de que a pessoa em situação de rua é a única culpada por estar naquela condição de vida [...] as matérias, em geral, não nos levam a refletir sobre como é possível minimizar essa problemática crescente".

Por outro lado, quando se trata da abordagem acadêmica ao assunto, percebe-se que o foco dos estudos já existentes, geralmente é feito no mecanismo de políticas públicas criadas para essa população ao longo dos anos. Sendo assim, a série '*Vidas Marcadas*' pretende proporcionar um espaço para uma reflexão mais ampla sobre o assunto com foco no olhar de quem já passou por esta situação. A intenção, desde a sua concepção, é que o trabalho privilegie a visão dos personagens escolhidos, de modo a sofrer a menor interferência possível de fatores externos.

Tendo em vista a busca por tal objetivo, o presente projeto teve por influência a abordagem humanizada no olhar jornalístico. Para Alves e Sebraian (2008, p.8), "o jornalista não se relaciona apenas com um objeto de conhecimento, mas também com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo". Tendo essa ideia em mente, buscou-se fazer com que os personagens entrevistados se tornassem os verdadeiros protagonistas de suas histórias, e conseqüentemente, de toda a série. Contudo, para este fim, foi necessário colocar em prática o desprendimento do modelo jornalístico voltado quase que exclusivamente à transmissão "objetiva" da mensagem. No lugar disso, abriu-se espaço a um jornalismo que, segundo Ijuim (2016, p. 9) é capaz de transformar tanto o narrado como o narrador, e privilegia o contexto social de pessoas comuns.

Outro estímulo para a realização deste trabalho é, como mencionado anteriormente, a chance de contribuir para a reflexão de um tema que é culturalmente regado de estereótipos e preconceitos quando se trata das pessoas em situação de rua. Movidos pelo senso comum, muitos ainda baseiam suas concepções em rótulos injustamente impostos a essa população. Por conta disso, a série buscou mostrar que a situação de rua não se trata de uma doença, ou mesmo um

estilo de vida voltado à ociosidade ou ao vício, mas sim um problema social que atinge todo tipo de pessoa, seja rico ou pobre, jovem ou idoso, usuário ou não de drogas.

Por meio de entrevistas, os personagens escolhidos explicam o que os motivou a estarem em situação de rua, quais os principais medos, anseios e perigos enfrentados, o que gerou a permanência nas ruas, em alguns casos, por vários anos. Por se tratar de um problema amplo e extremamente complexo, o projeto não se propõe a mudar a realidade das pessoas que vivem ou viveram em situação de rua, nem tampouco extinguir todo o preconceito e intolerância que as cercam, afinal esse papel foge às possibilidades cabíveis aos estudos acadêmicos. Contudo, a série pretende desempenhar, dentro de suas limitações, a atribuição de tentar desmistificar a figura culturalmente construída em torno dos indivíduos em situação de rua, e contribuir para o entendimento de que existe saída para esta circunstância de vida é mister a importância de trazer este tema para debate.

2.1. Escolha do tema

Desde a sua elaboração, o projeto "*Vidas Marcadas*" tinha uma motivação definida: abordar, de maneira sensível e ao mesmo tempo responsável, um tema interessante e com viés social, por meio de um produto audiovisual. Contudo, até assumir a configuração final, o trabalho passou por inúmeros ajustes e modificações. Tudo começou quando escrevi uma matéria para a revista Campus Repórter - produto da Faculdade de Comunicação da UnB – a reportagem foi sobre uma comunidade terapêutica do DF que recupera pessoas dependentes de álcool e drogas que já estiveram em situação de rua.

A partir da realização desta matéria surgiu o interesse de conhecer melhor esse tema e com base em averiguações, foi notada a necessidade de abordá-lo de uma forma diferenciada. A maneira como os trabalhos acadêmicos abordavam o tema e principalmente como essa população é tratada na mídia, chamou muita atenção e nos fez querer ainda mais nos aprofundarmos no assunto. A partir de então, eu e o Marcus Vinícius Barbosa – Estudante de Comunicação Social da UnB, que dividiu a direção deste trabalho comigo – começamos a pesquisar sobre o tema e foi constatado que mesmo contendo tanta relevância social, essa população é muitas vezes abordada

de maneira pejorativa. Então o foco do nosso projeto seria mostrar por meio de relatos como era a vida dessa população que, justamente por terem seus direitos desconsiderados, ficaram por muito tempo “preso” às ruas.

3. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

- Pesquisar a narrativa de vida de pessoas que já estiveram em situação de rua com vistas à compreensão dos principais medos, anseios e dificuldades enfrentadas por esta população.

3.2 . Objetivos Específicos

- Apresentar as narrativas de vida de personagens que viveram nas ruas por meio da produção de uma série documental que poderá integrar um documentário completo a ser entregue em julho de 2018, formado por relatos de vida que tratam sobre: o antes, o durante e o depois da vivência nas ruas.
- Contribuir para a desconstrução de estereótipos culturalmente concebidos a respeito desta população, ao promover uma reflexão sobre o tema à luz de um olhar jornalístico humanizado.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Nomenclatura correta

Para uma melhor compreensão do assunto proposto neste projeto, o trabalho baseia-se na definição do fenômeno social sobre a população em situação de rua como forma de mitigação de tal problema social e o papel jornalístico, de forma a instigar o leitor ou espectador a se interessar pelo assunto.

Antes de adentrar no tema em si, é preciso entender qual a tipologia correta para se referir a esta população. Ao pesquisar em artigos e livros foram encontrados diversas nomenclaturas. A expressão morador de rua é o termo mais usado, mas muitos autores concordam que esse não é o nome ideal. Giorgetti (2006) explica que morar na rua é uma condição, um momento passageiro no processo da vida e não um estado definitivo que não possa ser mudado. Sendo assim, o termo mais utilizado para se referir à pessoa que está vivendo nas ruas é incorreto. Cerqueira (2011, p. 89) também concorda e explica que a expressão morador de rua “não contempla sua totalidade [...] ela inclui todos em um mesmo grupo, e ignora o fato de se tratar de uma população heterogênea, com inúmeras distinções entre seus sujeitos”.

Segundo Martins (2016), outros termos comuns para se referir a esse grupo são mendigos, pedintes, indigentes, andarilhos, vagabundos, excluídos e sem-teto. O autor explica que “geralmente são atribuídos a eles significados referentes ao que fazem e como se apresentam nas ruas” (p. 21). Já uma pesquisa realizada por Barbosa (2015, p.12), que também cita esses termos, completa que "a carga estigmatizada e pejorativa" nestas palavras tem levado a maioria dos autores da atualidade a buscar uma nomenclatura que afaste qualquer estereótipo de preconceito.

As expressões "população em situação de rua" ou "população de rua" são elencadas como as mais corretas. Silva (2009) foi uma das autoras que passou a utilizar essa expressão. Antes mesmo de Barbosa citar a importância desta mudança, Silva especificou que esse deveria ser o termo utilizado para se referir a essa população.

A expressão população em situação de rua (...) é considerada a mais apropriada para designar a situação ou condição social que não resulta apenas de fatores subjetivos vinculados à sociedade e à condição humana comumente considerada, mas é uma situação ou condição

social produzida pela sociedade capitalista, no processo de acumulação do capital (SILVA, 2009, p. 29).

Cerqueira (2011) também achou adequado utilizar a expressão população em situação de rua, ou o termo população de rua, já que em ambos os casos, é nítida a preocupação em preservar a imagem do indivíduo, e não só a nomenclatura que acarrete em estigma e interfira na sua sociabilidade. Sendo assim, este trabalho opta também por utilizar a expressão população em situação de rua, já que de acordo com os autores pesquisados e com o conhecimento absorvido, empreende-se que morar nas ruas é uma condição passageira e não permanente de um indivíduo.

4.2. O cidadão em situação de rua

Figura 1- pessoa em situação de rua em uma parada de Ônibus do Eixão Sul, em Brasília.



Fonte: Lucas Cândia (2017).

De acordo com o Decreto nº 7.053 de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua são considerados população em situação de rua:

O grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

No entanto, é possível questionar: situação de rua é um problema individual ou um fenômeno social? À primeira impressão, a vida nas ruas pode aparentar ser unicamente uma combinação de fatores pessoais como dramas particulares, escolhas mal feitas ou circunstâncias negativas. Contudo, estudos costumam atrelar o contexto vivido por pessoas em situação de rua a aspectos mais amplos, como o cenário político e econômico vivenciado por determinada região. Como explica Barbosa (2015), o sistema capitalista tem influência direta na quantidade de pessoas vivendo nessa condição.

O fenômeno social de população em situação de rua é aqui apreendido como fenômeno multifacetado com múltiplas determinações que são influenciadas e fomentadas pela sociabilidade capitalista que produz um contingente de pessoas vivendo na situação de extrema pobreza que não possuem moradia convencional. O modo capitalista de produção pauta uma sociedade baseada nas divisões das classes através da propriedade privada aprofundada na desigualdade social, donde aquelas pessoas que não acessam o mercado de trabalho têm precárias condições de subsistência (BARBOSA, 2015, p.10).

Sendo assim, o estado de permanência nas ruas é muito mais do que um problema individual. As dificuldades experimentadas por quem está nas ruas atingem muitas pessoas, especialmente nos grandes centros urbanos. Pereira (2008) deixa claro que em praticamente todas as civilizações houve pessoas que fizessem das ruas um local de moradia, mas há registros que mostram que foi a expansão do capitalismo e a criação das primeiras cidades industriais que fez o número de pessoas nas ruas crescerem de forma descontrolada, tornando-se um fenômeno de massas.

Tudo isso se deve ao fato que as pessoas começaram a perder seus empregos e passaram a condição de extrema pobreza. Considerando-se que o trabalho é uma das características primordiais da vida, tanto para o sustento, quanto para a dignificação do ser humano, a falta dele contribui para que as pessoas sejam levadas à situação de rua. Giogetti (2006) afirma que estão em situação de rua as pessoas que não conseguem se unir ao mundo de trabalho formal e acabam

buscando outras formas de sobrevivência na informalidade, como catar lixo, vender produtos nos sinais, vigiar carros entre outros. Para Mattos e Ferreira (1997) a responsabilidade por estar em situação de rua era atribuída exclusivamente ao indivíduo, sem considerar a real falta de oportunidades que o mercado capitalista dispõe.

Outro grande problema enfrentado pela pessoa que está em situação de rua é o preconceito. Existe uma grande carga negativa atribuída a esses indivíduos, seja pela aparência, pelo medo ou simplesmente pelo cunho ideológico. Os autores citados acima reforçam que esse imaginário está ligado a sensação de superioridade que a população costuma ter ao avistar um indivíduo em situação de rua.

4.3. Fenômeno social no Brasil e no Distrito Federal

O Brasil não possui dados oficiais sobre o número absoluto de pessoas em situação de rua, mas a última estimativa é uma pesquisa publicada pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea) em outubro de 2016⁵ com base em dados de 2015, que mostra que naquele ano existiam 101.854 pessoas vivendo em situação de rua no Brasil. A pesquisa mostra ainda que a maior parte dessa população está nos municípios com mais de 100 mil habitantes. Já no DF, dados da Secretaria do Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (Sedestmidh) informam que em 2017 existiam aproximadamente três mil moradores em situação de rua, ou seja, 0,1% de toda a população do DF, tendo em vista que no mesmo ano a população era de três milhões de pessoas, segundo levantamento do IBGE. A secretaria informou ainda que os locais com mais incidência no DF, são Plano Piloto, Gama e Taguatinga respectivamente.

A última Pesquisa Nacional da População em Situação de Rua foi realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social, em 2008. Esse estudo mostra que a principal causa apontada para essa condição no Brasil é o uso de drogas e álcool, com incidência de 35,5%, do total da população de rua brasileira. O relatório aponta que o segundo fator é causado pelo desemprego, com 29,5% dos casos, seguido por quebra de vínculos familiares (29,1%) (MDS, 2008).

⁵Pesquisa publicada em outubro de 2016 pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea) chama-se "ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL" por Marco Antonio Carvalho Natalino. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2017.

Já em Brasília, diferente da média nacional, a maioria das pessoas que está em situação de rua tem como causa a ruptura de vínculos familiares, com 69% dos casos apurados. Logo depois vem o desemprego com 13,2%, a perda da moradia convencional com 12,7%, e, somente 7,8% devido problemas com drogas.

A pesquisa mostra ainda que 85,8% dos moradores em situação de rua afirmaram usar alguma substância psicotrópica, o que demonstra que essas pessoas chegam à rua sem fazer uso dessas substâncias, mas durante a vivência no ambiente externo urbano passam ao usar.

O frio, o medo, a fome, o sofrimento causado pelo preconceito e pela discriminação, são fatores determinantes para o consumo destas substâncias. Ademais, além de encontrarem nestas uma fuga (temporária ou permanente) da realidade experimentada em seus cotidianos, algumas drogas são mais baratas e mais acessíveis do que alimentos. (GATTI e PEREIRA, 2011, p.88).

A pesquisa mostra também que 82% da população de rua no Brasil é composta por homens. De toda a população masculina, a maioria é jovem: 27,1% estão na faixa etária dos 26 aos 35 anos e 15,3% dos 18 aos 25 anos. A população feminina nas ruas representa 18%. A maioria delas também é de jovens, e a faixa etária é menor que a masculina: 21,17% têm entre 18 e 25 anos e 31,06% têm entre 26 e 35 anos.

A cor da pele da população que vive em situação de rua no Brasil é bem impactante. Ainda de acordo com a Pesquisa Nacional, 67% se autodeclararam pardos ou pretos e somente 29,5% se autodeclararam brancos. Reflexo de uma desigualdade social historicamente vivida no Brasil, a média de pretos e pardos em situação de rua é bem maior que a representação populacional brasileira revelada no último censo, realizado em 2010 pelo IBGE, em que 53% da população se autodeclarou parda ou preta e 46% branca.

Pereira (2008) destaca que em Brasília a vida das pessoas em situação de rua é ainda mais difícil, porque é necessário se manter “escondido” para evitar a violência e a repulsa das pessoas. A Pesquisa Nacional da População em Situação de Rua (2008) também ajuda a quebrar o estereótipo de que esse grupo é composto por mendigos e pedintes, já que apenas 10,6% dessa população vivem de esmola, enquanto o restante exerce algum tipo de trabalho, mesmo que seja informal, como flanelinhas ou coletores de materiais recicláveis.

Para toda essa população faltam ainda políticas públicas, e acima de tudo, acesso ao trabalho. O estudo revela que 74,6% dos adultos em situação de rua não têm acesso a nenhuma política social, quando deveriam ser o alvo principal dos programas governamentais. Outro dado relevante é que só 21,9% das pessoas entrevistadas possuem todos os documentos pessoais como título de eleitor, carteira de trabalho, CPF, certidão de nascimento ou casamento, e carteiras de identidade e habilitação. A falta de acesso a direitos básicos torna esse grupo marginalizado e o priva de diversos outros direitos, como acesso a saúde, educação e até mesmo acesso a programas habitacionais do governo.

4.4. Avanços em políticas públicas

Segundo a estimativa da população em situação de rua feita pelo IPEA, a falta de endereço fixo e a dificuldade de acesso a informações sobre essa população colabora com a ausência de políticas públicas voltadas para este público, e conseqüentemente reproduz sua invisibilidade social. A pesquisa mostra também a necessidade de incluir a contagem da quantidade dessas pessoas no Censo de 2020, e que o Governo Federal incentive as gestões municipais a conhecerem melhor sua população de rua.

Apesar da falta até de conhecimento sobre o tema, essa população conseguiu alguns avanços no decorrer dos anos. Alguns deles passaram a sair do anonimato e ocupar espaços, principalmente com a ajuda do setor privado e de organizações religiosas. Em 1993 foi sancionada a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), mas somente onze anos depois, em 2004, quando foi promulgada a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), é que foi criado um conjunto de orientações que organizam dentro das LOAS as ações de assistência social para a população em situação de rua. Simultaneamente, foi criado o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que é o modelo seguido no Brasil para realizar as ações de assistência social. O SUAS foi criado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome a partir da lei federal nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, fazendo parte da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS).

Em 2008 foi publicada a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, um estudo realizado pelo instituto Meta a pedido do Governo Federal que subsidiou a elaboração da

Política Nacional para População em Situação de rua, decreto n° 7053/2009. A partir desta política foi prevista a criação do Centro Especializado em Atendimento à População em Situação de Rua (Centro Pop) em várias regiões do Brasil, a fim de prover condições necessárias para viabilizar condições mínimas de subsistência dessa população.

No DF existem duas unidades do Centro Pop, uma no Plano Piloto e outra em Taguatinga. A SEDESTMIDH, que é a responsável por essa população no capital federal, possui equipes designadas para o Serviço de Abordagem Social (SAS). Parte do seu trabalho consiste em ir aos locais que são ocupados pela população em situação de rua e explicar os serviços de proteção social prestados pelo governo de Brasília. A população é orientada a procurar os Centros POP, o Centro de Referência Especializado da Diversidade Sexual, Religiosa e Racial (CREAS Diversidade), o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), ou uma das 17 Agências do Trabalhador.

Em relação a abrigos, a Secretaria possui três unidades de acolhimento para adultos e famílias (UNAF), uma para crianças e adolescentes (UNAC), uma para mulheres (UNAM) e uma para idosos (UNAI). O órgão ainda conta com uma central de vagas de acolhimento e atendimento emergencial. Se as equipes encontrarem situações de violência contra mulher, elas encaminham a vítima para um Centro de Atendimento à Mulher (CEAM). Se alguma criança é encontrada, o Conselho Tutelar é acionado. Já se forem localizados idosos, eles tentam recolhê-los para um dos albergues disponibilizados pelo Governo.

A princípio, eles são informados sobre os serviços dos Centros POP, onde há café da manhã, lanche à tarde, almoço, cursos, banheiros, locais para lavar roupa e descansar, horta comunitária, além de atendimentos social e psicológico. Em conjunto com as Agências do Trabalhador, as pessoas em situação de rua podem ter acesso aos painéis de emprego nos Centros POP. Eles podem recorrer aos CRAS e CREAS, onde são oferecidos acesso aos programas sociais do Governo.

Além desses locais públicos, de acordo com a Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania do Distrito Federal (Sejus-DF), o governo também oferece 316 vagas em comunidades terapêuticas ou centros de reabilitação. O primeiro é caracterizado por ser uma instituição privada, sem fins lucrativos e financiadas, em parte, pelo poder público. Elas oferecem gratuitamente acolhimento para pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou

dependência de drogas. São instituições abertas, de adesão exclusivamente voluntária, voltadas a pessoas que desejam e necessitam de um espaço para auxiliar na recuperação da dependência à droga. O tempo de acolhimento pode durar até 12 meses. Durante esse período, os residentes devem manter seu tratamento na rede de atenção psicossocial e demais serviços de saúde que se façam necessários. Outra característica de Comunidades Terapêuticas é que elas mantêm sempre um responsável técnico de nível superior legalmente habilitado para atender os internados.

Já os centros de recuperação são caracterizados por poder receber internos de forma compulsória e também por não ter a necessidade de cumprir plano terapêutico individualizado e as exigências estabelecidas na Resolução – RDC nº 29, de 30 de junho de 2011 – ANVISA, que dispõe sobre os requisitos de segurança sanitária para o funcionamento de instituições que prestem serviços de atenção a pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de drogas. Todas essas vagas são custeadas com recursos do Fundo Antidrogas do Distrito Federal - FUNPAD/DF, e geridos pelo colegiado do Conselho de Política Sobre Drogas do Distrito Federal (CONEN-DF).

De acordo com Presidente do Conselho de Política Sobre Drogas do Distrito Federal, Anderson Moura e Sousa, é indiscutível o fato que a desassistência a essas centenas de pessoas trariam transtornos sociais não só aos dependentes químicos, mas a toda sua cadeia familiar, que espera do estado, o cumprimento de seu papel institucional, que no caso concreto, passa pela assistência de seus entes queridos e que a responsabilidade da formulação da política é do Estado, que é o fomentador e o formulador das políticas sociais.

A grande questão é que o estado não pode agir de forma compulsória para retirar esses indivíduos das ruas e apesar das possibilidades de ir até um desses locais de acolhimentos, muitas pessoas que estão nesta condição, não enxergam uma saída e nem mesmo buscam ajuda, por isso, o apoio das pessoas que estão de fora dessa situação é tão importante quanto a criação de novas políticas públicas.

4.5. Humanização no olhar jornalístico

Com o passar do tempo, a busca pela informação tem se tornado cada vez mais rápida. O aumento do volume de notícias consumidas e o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) imprimem um ritmo muito veloz à atividade jornalística. Em virtude disso, é natural que a agilidade e a rapidez exerçam um papel importante no fazer jornalístico. Todavia, para que seja exercida em sua plenitude, é mister uma reflexão sobre o papel social da profissão. Para Montipó e Farah, essa atribuição é mais do que apenas uma característica secundária.

Não há como iniciar uma discussão sobre o jornalismo, sem lançar luzes à sua função social. O jornalismo tornou-se imprescindível à vida em sociedade. Afinal, as informações, em diferentes níveis de complexidade, auxiliam na tomada de decisões das pessoas, que buscam no jornalismo diferentes fórmulas para resolverem as equações de suas vidas.(MONTIPÓ e FARAH, 2009, p.3).

A fim de garantir a preservação desse aspecto social, muitos autores têm defendido a busca por uma abordagem humanizada do olhar jornalístico, bem como dos relatos. Para Alves e Sebrían (2008, p.7 e 8), essa vertente do jornalismo, oriunda da década de 1970, surge em meio a ditadura militar como uma maneira de se contrapor à fórmula da notícia curta, que naquele momento se tornava cada vez mais difundida por conta da modernização dos veículos de comunicação. De certo modo, essa humanização buscava suprir o desejo das pessoas de estar inteiradas sobre o contexto social em que viviam e que já não tinha tanto espaço nos veículos tradicionais. Um dos primeiros comunicadores a propor o termo "jornalismo humanizado", Ijuim (2016, p. 9) acredita que o jornalismo deve se apresentar como um meio de construção narrativa capaz de transformar tanto o narrado, como o narrador.

No trabalho de apuração, o repórter não se relaciona com um *objeto*, mas com *outros seres humanos* envolvidos no processo comunicativo [...] Na procura da *essência* dos fenômenos, atribui-lhe *significados*, *os sentidos*, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a *compreensão* das ações humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir.⁶

⁶ IJUM J. K. JORGE KANEHIDE IJUIM: SOBRE O JORNALISMO HUMANIZADO: depoimento. [Janeiro-Junho de 2016]. São Paulo: *Revista Alterjor*. Entrevista concedida a Suzana Rozendo Bortoli.

Medina (1999, p. 28) também identifica o jornalismo como responsável por privilegiar a realidade de pessoas comuns, que geralmente são privadas de uma voz ativa. Com essa abordagem mais próxima ao cotidiano de indivíduos comuns, a intenção do jornalismo humanizado era tornar mais sensíveis as técnicas empregadas no jornalismo, tudo em prol da vitalidade do cotidiano coletivo, que até então tinha pouquíssimo espaço na gramática jornalística (ALVES e SEBRIAN, 2008, p. 7).

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem (MEDINA, 1999, p.28).

A grande diversidade sociocultural experimentada pela população mundial tem tornado cada vez mais evidente o fato de que o jornalismo necessita compreender os mais diversos fenômenos sociais existentes. Para isso, é necessário reconhecer que a busca implacável pela rapidez e factualidade dos acontecimentos, em detrimento da observação social, gera prejuízo e distanciamento para o fazer jornalístico, já que a comunicação não é uma ciência restrita a instrução e informação, mas sim, está amplamente voltada à interação entre diferentes indivíduos.

Para entender os fenômenos sociais é necessário compreender as ações dos sujeitos. Até mesmo porque, com as práticas jornalísticas atuais, o repórter corre o risco de concentrarem-se somente nos fatos, desprezando as múltiplas conexões com os outros fatos e, portanto, a contextualização necessária para a compreensão das ações que originariam a matéria e também da sociedade (ALVES E SEBRIAN, 2008, p.8).

No que diz respeito à abordagem jornalista às pessoas em situação de rua, ainda é perceptível uma grande carência de humanização dos relatos, especialmente quando essa é feita pela imprensa tradicional. Por diversos motivos - que variam desde a linha editorial de determinado veículo, até a pressa para cumprir com o tempo pré-estabelecido para a entrega das reportagens - muitos jornalistas, quando tratam do assunto acabam apenas por reproduzir conceitos preconceituosos e pouco se importam em explicar, ou ao menos entender, o cenário por trás da situação.

Alguns veículos de comunicação sequer divulgam o nome do personagem principal da história. Além disso, estes transmitem a impressão de que a pessoa em situação de rua é a única culpada por estar naquela condição de vida. As matérias, em geral, não nos levam a refletir sobre como é possível minimizar esta problemática crescente de pessoas que fazem do espaço público seus locais de moradia e trabalho e quais foram os motivos que levaram a isso. (ROZENDO e MONTIPÓ, 2012, p. 6).

Levando em conta tais fatores, em especial o importante papel social destinado ao jornalismo, faz-se ainda mais necessário o questionamento do atual modelo frequentemente adotado pela imprensa em coberturas envolvendo a população em situação de rua. Como destaca Soares (2009, p. 7), a veiculação de representações pelos meios de comunicação tem um inegável impacto na construção social dos significados compartilhados pela sociedade.

Desta forma, a construção do olhar sobre a população ora relatada neste trabalho debruça-se sobre relatos humanizados por acreditarmos que essa é a melhor maneira de abordar um problema de extrema relevância, dotado de uma complexidade muito maior do que à atribuída, por exemplo, pelos veículos noticiosos. À medida que se conhece as trajetórias de vida dessas pessoas e os motivos que as levaram ao ambiente hostil das ruas é impossível acreditar que essa situação é apenas resultado de fatores unilaterais. Muito mais do que apenas o fruto de eventuais escolhas pessoais equivocadas, a situação de rua é também um problema social.

Sendo assim, partindo da necessidade de abordar um tema com um caráter tão social com um olhar humanizado, o que na verdade deveria ser o normal, o intrínseco da profissão de jornalista, isso nos faz pensar ainda mais o que está errado com os seres humanos? E foi a partir da assimilação deste novo panorama que a humanização dos relatos se apresentou com uma boa solução à tarefa de contar as histórias contidas no projeto. Com o entendimento dessa técnica, fica suficientemente claro que o bom desenvolvimento do fazer jornalístico não é definido apenas pela agilidade com que se conta uma história, nem somente pela exatidão impressa ao relato, mas inclui também tentar compreender ao máximo o impacto real do que é narrado sobre os principais envolvidos em determinado acontecimento e acima de tudo, dos seres humanos envolvidos.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira etapa para alcançar os objetivos propostos foi à realização de uma ampla pesquisa bibliográfica. A pesquisa se iniciou desde o entendimento da nomenclatura correta para se referir ao tema até a forma como o olhar jornalístico empregado na narrativa pode interferir nas histórias que são contadas. O projeto foi construído através de relatos sobre histórias de vida de pessoas que já estiveram em situação de rua no Distrito Federal. Realizado de agosto a novembro de 2017, a abordagem metodológica escolhida se iniciou a partir da escolha do tema do projeto. A partir de então, para alcançar os objetivos propostos, optou-se pelo uso da técnica de entrevistas em profundidade, que serviu para uma compreensão mais detalhada sobre o tema, e conseqüentemente, para captar da forma mais natural possível o máximo de informações dos personagens.

A entrevista em profundidade gera a possibilidade de explorar o tema de uma forma mais flexível. De acordo com Duarte (2012), com esse método não há a necessidade de determinar parâmetros de respostas, pois elas acontecem livremente, e o entrevistado responde de acordo com seus próprios pensamentos, conhecimentos, linguagem e experiências, de modo a enriquecer a entrevista por meio da capacidade de aprofundar as questões desenvolvidas. Para ele, “a entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como uma descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido.” (DUARTE, 2012, p. 64).

De acordo com Silva (2016), utilizar a entrevista em profundidade como método abrange vários aspectos que vão desde o planejamento, técnicas de coleta de dados e abordagens específicas até a análise. “Assim, a entrevista em profundidade não se trata apenas de tática de coleta de dados, e sim estratégia que abrange toda a pesquisa”. (SILVA, 2016, p.35).

Após a definição do método que seria adotado para realização do projeto, o trabalho foi dividido em quatro etapas: Estudo de base teórica sobre o tema, definição do formato a ser utilizado, seleção dos personagens para as narrativas e preparativos para as gravações - com a pré-produção, produção e finalização do produto.

5.1. Formato

Desde a definição do tema, concluiu-se que a ideia era realizar um produto de caráter reflexivo, de modo a possibilitar que os próprios personagens envolvidos pudessem contar suas histórias, e ao mesmo tempo, a intenção era que essas narrativas fossem atrativas ao público, para que compreendessem essa realidade e refletissem sobre o tema.

Sendo assim, optou-se pela realização de um documentário, já que este, ao trabalhar com imagem e som, torna-se mais dinâmico que um projeto escrito. Outra característica presente em um documentário é a possibilidade da não utilização do narrador. “Os depoimentos constitutivos de um documentário podem ser alinhavados uns aos outros sem a necessidade de que uma voz exterior venha lhes dar coesão” (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 08). Portanto, como o foco era conceder o espaço de fala para os personagens, não era crível a presença de uma voz alheia às histórias que seriam contadas, motivando ainda mais a escolha desse formato.

Se aproximar de pessoas em situação de rua não é nada fácil. Esse grupo está em uma condição de vulnerabilidade grande e não costumam gostar de câmeras ou algo que os façam se sentir expostos. Sendo assim, a busca por possíveis personagens para este projeto se iniciou com um levantamento de grupos de voluntários independentes e membros de comunidades terapêuticas do DF, que realizam ações sociais com essa população e já tem certa proximidade com as suas rotinas.

A ideia era acompanhar esses grupos em suas abordagens com o intuito de tentar se aproximar dessa população. Mas foi bem nesta época que resolvemos mudar um pouco o enfoque da série documental. Ao invés de fazermos três episódios com personagens diferentes a fim de abordar os temas propostos, optamos em dar uma melhor cronologia para as histórias e torná-los verdadeiros protagonistas. Sendo assim, decidimos usar os mesmos personagens em todos os episódios. Com esse direcionamento, definimos que não era necessário acompanhar grupos que nos deixaria próximos das pessoas que estavam em situação de rua, nosso foco seria encontrar histórias de pessoas que conseguiram superar essa condição.

A partir daí, iniciamos as pesquisas de possíveis personagens para projeto. Foram realizadas entrevistas prévias por telefone com pessoas que já haviam superado a situação de rua e que poderiam se encaixar no perfil buscado para o produto. Ao ouvir um pequeno resumo de

suas histórias optamos por fragmentar a série. Essa decisão foi tomada para darmos uma cronologia às histórias contadas pelos protagonistas.

Definimos que seriam feitos três episódios, já que em nossa concepção essa quantidade seria necessária para encaixarmos o objetivo geral do projeto, que era mostrar como era a vida dessas pessoas antes das ruas e o que as levou a essa condição. Depois, mostrarmos como era viver nas ruas e por fim, a fase de superação e planos para o futuro, ou seja, o antes, durante e depois das ruas. Outra motivação para a fragmentação foi à facilidade de acesso do público ao projeto. Existe uma maior probabilidade de vídeos menores circularem pela internet, facilitando assim a disseminação dos episódios, de modo a proporcionar um maior espaço de reflexão sobre o tema.

5.2 Personagens

Figura 2 – Adriano Lugoli foi o primeiro personagem a ser selecionado.



Fonte: Neila Almeida (2017).

Para chegar aos personagens, contamos com a ajuda de amigos e conhecidos que começaram a sugerir pessoas com boas histórias de superação do período nas ruas, e então, optamos por ligar para essas indicações e fazer uma entrevista prévia, para assim, termos condições de escolher as histórias mais impactantes para contarmos no documentário. Para selecionarmos, levamos em consideração três critérios. Como já havíamos decidido produzir três episódios com o antes, o durante e o depois das ruas, o primeiro critério que analisamos nas indicações é o que levou essa pessoa a situação de rua. Teríamos quatro personagens, não faria sentido se a causa que os levou a essa condição fosse a mesma.

O segundo e o terceiro critério são reflexos de dados já citados neste trabalho. Um deles aponta que 67% das pessoas que vivem ou já viveram na rua se autodeclararam pardos ou negros, sendo assim, também buscamos representação racial em nossos personagens. O outro é referente a igualdade gênero, que mostra que 82% das pessoas que passam a viver em situação de rua são homens, mas como acreditamos que não seria justo disponibilizar esse espaço de fala só para um grupo, o projeto quis dar relevância à igualdade de gênero e optamos por representar o mesmo número de personagens homens e mulheres. Sendo assim, passamos a procurar dois homens e duas mulheres, independente da raça e que tivessem ido parar na rua por razões distintas.

O primeiro personagem selecionado foi o Adriano Lugoli, de 37 anos. Ele morava em Minas Gerais com a família. Experimentou o álcool pela primeira vez aos 16 anos, por influência de amigos. Logo depois veio às outras drogas, mas foi quando provou o crack que ele viu toda sua vida desandar. Abandonou a escola, começou a trabalhar, mas tudo que recebia não era suficiente para sustentar seu vício. Passou então a roubar os pertences dos familiares até que sua mãe, pressionada por seus irmãos, o colocou para fora de casa.

Ele ficou três anos em situação de rua, até que aceitou ajuda e foi para uma casa de recuperação em Luziânia, no Distrito Federal. Após seis meses de tratamento, já recuperado, ele decidiu não voltar para Minas Gerais e passou a morar no Gama. Foi lá que ele conheceu sua esposa, se casou e hoje tem dois filhos. Ao fazer fotos da família após o nascimento do primeiro filho, acabou sendo visto por uma agência que o convidou para ser modelo. Depois de algum tempo, ele teve êxito na profissão e hoje estrea diversas campanhas publicitárias, dá palestras sobre sua trajetória e ajuda outras pessoas a não caírem nas armadilhas das drogas.

O segundo personagem selecionado, na verdade é um casal. Claudia Santos, 55 anos, e Ademir Duarte, 45 anos, hoje casados, se conheceram em situação de rua em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. Ela, jornalista de formação, trabalhou em emissoras conhecidas no Brasil e chegou a ser coordenadora de cenografia de novelas e seriados de televisão. Mesmo com uma vida estabilizada, ela passou a fazer uso descontrolado do álcool em encontros com amigos e acabou se tornando alcoólatra, o que a fez perder tudo e parar na situação de rua.

Ademir era comerciante, casado e sem filhos e após uma briga com a ex-companheira, por conta do alcoolismo, deixou tudo para trás e foi morar na rua. Eles se conheceram, se apaixonaram e passaram a cuidar um do outro. Decidiram vir para Brasília e caminharam durante dois meses para chegar até a capital do país, onde permaneceram em situação de rua até serem resgatados por uma empresária que é voluntária em uma comunidade terapêutica. Essa empresária, junto com um grupo de amigas ajudou o casal a realizar o sonho de oficializar a união e conseguirem uma casa para morarem após o tratamento. Hoje eles já são casados e fazem planos para futuro.

Para cumprir os critérios estipulados de dar igualdade de gênero e razões distintas que levaram os personagens a situação de rua, a quarta integrante da série documental foi à última a ser escolhida, pois sabíamos que deveria ser uma mulher e sem vícios, já que o primeiro foi parar nas ruas devido às drogas e o casal pelo alcoolismo.

Sendo assim, selecionamos Daniela Alves, 35 anos. Aparentemente com uma vida normal, ela morava com os pais e irmãos, trabalhava e estudava, mas sempre teve sérios problemas de relacionamento com o pai. Com o sonho de cursar uma faculdade, ela passou no vestibular para o curso de marketing em uma faculdade privada de Brasília, mas por não ter apoio da família, os problemas em casa só aumentaram. Após uma briga, com muitas ofensas por parte do pai, Daniela saiu de casa e passou a morar na rua, onde durante o dia trabalhava com intervenções artísticas - fantasiada de palhaça - e a noite ia para a faculdade. Desta forma, ela conseguiu concluir o curso e ao começar a trabalhar com a revista Traços - revista criada para dar renda a pessoas que vivem em situação de rua -, viu a oportunidade de sair dessa condição.

Depois de ser abrigada por uma paróquia de Ceilândia, ela passou a ajudar no acolhimento de outras pessoas, que assim com ela, estiveram em situação de vulnerabilidade

social. Hoje, ela ainda sonha em terminar de construir sua casa própria e fazer uma especialização em sua área.

5.3 Pré-produção

A série documental foi idealizada e realizada por dois autores, o também estudante de comunicação social com habilitação em Jornalismo participou de toda a execução do projeto. A etapa de pré-produção teve início logo após o tema do projeto ter sido definido. Pelo fato dos autores não terem muita familiaridade com o tema proposto, foi preciso muita pesquisa. Desde artigos na internet, monografias, livros, além da procura por produtos audiovisuais que abordassem o tema.

A nomenclatura correta sobre a condição também foi estudada. Eu já tinha conhecimento que o correto é falar “pessoa em situação de rua” por se tratar de uma condição, mas porque é errado outras nomenclaturas como: morador de rua, mendigo ou pedinte? Neste caso, foi preciso esclarecer essas questões antes de prosseguir. Após essa fase, comecei procurar autores que explicassem como se sente a pessoa que está nesta condição e quais os fatores sociais responsáveis por ela.

Concluída a fase teórica, os autores passaram a buscar os personagens e ao mesmo tempo planejar a execução do projeto. Era preciso montar uma equipe para viabilizar essa execução. Os dois autores já haviam trabalhado como estagiários na UnBTV - TV universitária da Universidade de Brasília - e assim solicitaram apoio técnico para auxílio com as gravações e edição do material. Ficou combinado que seriam disponibilizados equipamentos de gravação, um cinegrafista do quadro, um editor e uma ilha de edição da TV para a pós-produção do documentário. Em contrapartida, os autores se responsabilizaram em adaptar o trabalho posteriormente para ser exibido na programação da UnBTV. Todo esse trâmite ficou registrado em um Carta de Apresentação do Projeto (Vide apêndice I) com o pedido de apoio a UnBTV, assinada pelos autores e pela orientadora do projeto, a professora Ana Carolina Kalume Maranhão. Essa carta foi encaminhada diretamente à diretora da TV, senhora Neuza Meller.

Figura 3 – Equipe de gravações após a primeira entrevista com o Adriano Lugoli (primeiro homem da direita para a esquerda). Ana Paula Fonseca (Produção) à esquerda, ao lado dela, Alex Fábio (Cinegrafista cedido pela UnBTV) segurando a câmera. No meio, Marcus Vinícius (Diretor) e na direita Neila Almeida (Diretora).



Fonte: Neila Almeida (2017).

Ainda na fase de pré-produção, foi feito o convite para que Ana Paula Fonseca, formada em Audiovisual na UnB, integrasse a equipe na função de produtora para nos auxiliar com o projeto. Ela aceitou, e seu conhecimento prévio em audiovisual e produção de documentários foi bastante útil para o encaminhamento da série. Ela também ficou responsável por redigir o termo de autorização de imagem dos participantes (Vide anexo I).

Após marcar as entrevistas, começamos a elaborar as perguntas que seriam feitas aos personagens. Como o primeiro episódio intitulado *O princípio* mostra como era a vida dessas pessoas antes da condição de rua e o que os levaram a essa situação e não teríamos como gravar as imagens desse “antes”, optamos por gravar esse episódio junto com o segundo, que foi

chamado de *A rua*. Assim, tivemos que desenvolver dois roteiros de perguntas, um para o os episódios 1 e 2 e o segundo para o terceiro episódio, que foi chamado de *O recomeço* e mostra como foi a fase de superação desse período e os planos que eles almejam para o futuro. Optamos por gravar esse terceiro episódio separado porque ele retrata o depois das ruas, então gostaríamos que ele fosse inserido no contexto atual da vida dos personagens. (Os dois roteiros de perguntas estão disponíveis vide apêndice III).

Tabela 1 – Lista completa da equipe

EQUIPE	
CRIAÇÃO E DIREÇÃO:	NEILA ALMEIDA E MARCUS VINÍCIUS
PRODUÇÃO:	ANA PAULA FONSECA
FOTOGRAFIA:	ALEX FÁBIO, BÁRBARA OLIVEIRA, FERNANDO PIRES, RAPHAEL STEI E LUCAS CÂNDIA.
ANIMAÇÃO:	MARIANNE DE LAZARI
EDIÇÃO:	JÚLIA NOGUEIRA

Fonte: Neila Almeida (2017).

5.4 Produção

Definidos os quatro personagens da série, passamos a ajustar o cronograma de marcações (vide apêndice II), onde constavam todas as informações relevantes - como horário de início das filmagens, endereço da locação, telefones para contato, quem seria o personagem e para qual episódio seria a gravação. Esta foi uma tarefa difícil, pois era necessário levar em conta uma série de fatores, como a disponibilidade dos personagens, dos equipamentos da UnBTV, da equipe de gravação e dos próprios diretores da série, que elaboraram o projeto concomitantemente ao restante das obrigações acadêmicas e às atividades de estágio.

Figura 4 – Foto da entrevista com Daniela Alves em Ceilândia- DF



Fonte: Marcus Vinícius (2017)

Logo na primeira gravação ficou acertado que a direção do documentário seria dividida entre os autores do projeto, de modo que a cada gravação um ficava responsável por conduzir a entrevista e o outro ajudava na filmagem dos planos detalhes e demais aspectos da produção. Em praticamente todas essas ocasiões, a produtora Ana Paula Fonseca esteve presente e foi primordial sua participação, já que sua experiência com produtos audiovisuais era de auxílio desde o transporte dos equipamentos até a escolha dos quadros de cada tomada.

Tendo em mente que um documentário não se limita aos *takes* de entrevista, outra preocupação durante os dias de gravação era aproveitar a oportunidade para fazer as imagens de cobertura, ou imagens de apoio. Levando em conta que em vários momentos a fala dos personagens remontou o período das ruas - e que eles não guardaram registro algum dessa época

- foi necessário voltar a lugares em que eles se abrigaram e a partir de aí produzir registros. A ideia era que essas imagens fossem feitas no mesmo dia em que as entrevistas, aproveitando assim toda a logística preparada, mas isso nem sempre deu certo. Praticamente todos os encontros ocorreram de maneira tranquila e renderam o esperado, todavia, os imprevistos não ficaram de fora. Em relação ao casal Cláudia e Ademir, tínhamos a intenção de concluir as gravações do primeiro e segundo episódio em uma mesma tarde, de modo a aproveitar a locação e a disponibilidade da equipe. Contudo, o objetivo acabou não se cumprindo porque a entrevista com a Cláudia se delongou mais do que o esperado.

Figura 5 – Foto da entrevista com Cláudia Santos na praça do compromisso na Asa Sul–DF



Fonte: Ana Paula Fonseca (2017).

No mesmo dia, ao tentar registrar algumas imagens do casal na Praça do Compromisso, na Asa Sul, nossa equipe foi surpreendida por um indivíduo em situação de rua que se sentiu incomodado com a presença da câmera. Embora lhe tivesse sido explicado o motivo da nossa presença e garantido que ele não estava sendo filmado, isso não foi o suficiente para evitar a perfuração, por um canivete, de um rebatedor de luz. Além disso, outro imprevisto se deu em uma das gravações com o Adriano Lugoli. A previsão de acompanhar uma de suas palestras e gravar o primeiro e segundo episódio no mesmo dia não se concretizou devido a um problema no microfone de lapela. Por conta disso, foi necessário acrescentar mais um dia ao cronograma de gravações.

Figura 6 – Foto da entrevista com Adriano Lugoli no Gama – DF



Fonte: Neila Almeida (2017).

Na condução das imagens, em praticamente todas as entrevistas contamos com o trabalho de Alex Fábio, cinegrafista da UnBTV. Com sua bagagem prática na área, ele foi capaz de executar muito bem as filmagens em plano médio proposto para as entrevistas. Quando não foi possível sua presença, contamos também com o auxílio de Raphael Stei e Bárbara Oliveira, estagiários da cinegrafia da UnBTV. Para as gravações aos fins de semana e feriado, tivemos o apoio de Fernando Pires e Lucas Cândia, estudantes da Faculdade de Comunicação da UnB. Ao todo, foram nove dias de gravações, sendo sete para as entrevistas com os personagens e dois exclusivamente para imagens de apoio. Por imprimirmos um bom ritmo de gravações, conseguimos concluí-las em um período de três semanas.

Figura 7 – Gravação realizada em um sábado que contou com a colaboração do cinegrafista Fernando Pires (segundo da direita para a esquerda).



Fonte: Neila Almeida (2017).

5.5 Pós-produção

Finalizadas as gravações, iniciamos a etapa de pós-produção da série. O primeiro passo foi começar a degravar as entrevistas para montarmos o roteiro final de cada episódio que seria entregue para edição (os roteiros finalizados podem ser visualizados vide apêndice IV). Ao mesmo tempo, marcamos uma reunião com a editora de vídeo da UnBTV, Júlia Nogueira, para fecharmos os prazos que ela teria para editar o material, ela também ficou responsável pela vinheta de abertura e encerramento da série.

O próximo passo foi pensar no nome definitivo para o projeto. O nome provisório utilizado nos termos de autorização de imagens e na carta de pedido de apoio da UnBTV foi “*Vida nas Ruas*”, mas devido as mudanças de enfoque optamos por escolher um nome que retratasse o que esse período nas ruas significou para os personagens. Após vários mapas mentais chegamos ao nome “*Vidas Marcadas*”, que traduz um senso comum entre todos os protagonistas, que afirmam sem sombras de dúvidas que a rua deixou marcas em suas vidas.

Após a definição do nome, foram escolhidos também subtítulos que pudessem representar o que era mostrado em cada um dos episódios: “*O princípio*”, em que é apresentado os motivos que os levaram às ruas, “*A rua*” que retrata as dificuldades vivenciadas e “*O recomeço*”, que mostra a superação desta etapa.

5.6.1 Identidade visual

A identidade visual do projeto foi feita pela Marianne de Lazari - estudante de audiovisual da UnB - que aceitou o convite e ficou responsável pelas animações utilizadas no título e nas tarjas contendo os créditos. Para as animações, concordamos que ela poderia utilizar um efeito de fumaça, onde remonta a ideia das marcas deixadas pelas ruas. A cor cinza presente na arte é proposital, foi escolhida para representar a tonalidade do asfalto presente em todas as ruas em que os personagens residiram e retratam na série documental.

Marianne também foi responsável por criar toda a arte para a capa do DVD e para a impressão no CD do projeto. (As artes também podem ser encontradas vide anexos II e III).

Figura 8 – Arte da capa do DVD



Fonte: Marianne de Lazari (2017).

6. CRONOGRAMA DE PESQUISA

ETAPAS	DATAS
Pesquisa Bibliográfica (Estudo de autores e conceitos ligados ao objetivo do projeto).	Agosto e Setembro
Pesquisa de possíveis personagens	Agosto e Setembro
Marcação das entrevistas	Setembro
Gravações	Setembro a Outubro
Decupagem do material, montagem do roteiro e entrega para edição.	5/10 a 15/10
Edição da série documental	15/10/17 - 15/11/17
Ajustes e complementação do memorial	Novembro
Escolha de linguagem visual e finalização	01/11/17 - 15/11/17
Entrega do memorial e do produto à banca	17 /11/17

Fonte: Neila Almeida (2017)

7. ORÇAMENTO

ITENS COMPRADOS	VALORES GASTOS
Estabilizador de celular	R\$ 97,00
Microfone de Lapela	R\$ 250,00
HD Externo	R\$ 290,00
Gasolina	R\$ 350,00
Impressão de material visual e memorial	R\$ 297,00
ITENS CEDIDOS	VALORES QUE SERIAM PAGOS
Filmadora Sony Hxr Mc2500 HD SD	R\$ 7.000,00
Tripé Profissional Video K2e Saara 5kg	R\$ 749,00
Microfone Lapela Sem Fio Boya By-wm6 - Wm6 Uhf	R\$ 699,00
Rebatedor	R\$ 89,00
Kit Luz Contínua Soft Box 50 X 70 E27+ Tripe 2m	R\$ 239,00
Criação de uma identidade visual	R\$ 999,00
Edição de produto com 30 minutos de duração	R\$ 2000,00
TOTAL PARA PRODUÇÃO DO PRODUTO:	R\$ 13.059,00

Fonte: Neila Almeida (2017)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após quatro meses de trabalho na produção e realização do projeto, foi possível chegar a algumas conclusões acerca do tema explorado. A primeira, é que existe muito preconceito por parte da população em geral em relação à pessoa que está em situação de rua. Todos os personagens entrevistados relataram como se sentiam ao passar por alguma situação constrangedora - como ser chamado por nomes pejorativos, ser ignorado ao pedir ajuda ou simplesmente ser referenciado como um mal exemplo. E com isso, foi possível concluir que além de serem necessárias novas políticas públicas que integrem esse grupo à sociedade e os ajudem a superar essa etapa, é preciso mudar também a consciência da população, para que possam enxergar esses indivíduos como seres semelhantes, carentes de oportunidades para saírem dessa condição.

Durante as gravações foi possível notar o quanto falar sobre esse período mexe com os participantes - eles se emocionaram e deixaram claro que enfrentar a situação de rua deixou marcas permanentes em suas vidas. Mas, deixaram claro também que é possível superar esse período de invisibilidade e restabelecer os rumos de suas vidas. A partir das informações coletadas nas entrevistas, notei o importante papel que as pessoas fora das ruas podem desempenhar na reinserção social dessa população. Quando o preconceito é superado, o auxílio vindo da sociedade tem um efeito positivo sobre quem está imerso num problema aparentemente sem solução.

Foi assim no caso do Adriano e os "bons exemplos" que ele pode absorver na casa de recuperação para onde foi encaminhado. Com a Daniela e o apoio dos projetos sociais nos quais ela foi acolhida e também no caso do casal - Ademir e Cláudia - e a ajuda da organização religiosa que os recebeu. De fato, ficou provado que o período nas ruas não necessariamente significa um ponto final na vida dessas pessoas, mas é apenas uma pausa que antecede o recomeço.

No âmbito técnico do projeto, pode-se dizer que a condução da série documental foi um grande desafio, por se tratar de uma experiência completamente nova. Devido a isso, foi necessário muito estudo e planejamento para tornar o projeto possível. Estar aberta a ouvir os conselhos de colegas experientes na área, também foi de suma importância. Mas o que

definitivamente marcou o projeto foi a possibilidade de contar histórias surpreendentes. Durante as gravações, tentei seguir o roteiro de perguntas pré-elaboradas, mas o próprio método utilizado que foi a entrevista em profundidade, possibilitou deixar os personagens mais livres para se expressarem. Cada uma das histórias tinha suas peculiaridades, como o caso da profissional bem-sucedida que chegou a produzir para grandes novelas da dramaturgia brasileira e acabou perdendo tudo.

Com o decorrer das entrevistas nós deixamos de ser apenas repórteres em busca de uma boa história e eles deixaram de ser apenas personagens. Eram histórias, mas também eram seres humanos. Aprendi um pouco com cada um deles. A partir de agora é impossível olhar os moradores em situação de rua com os olhos de antes. Sendo assim, se cada pessoa que tiver acesso a esse trabalho também conseguir mudar o olhar lançado para esse grupo, o objetivo de trazer reflexão sobre esse tema será alcançado.

E foi pensando neste importante objetivo de fazer o projeto chegar ao maior número de pessoas que ao finalizar a pós-produção um grande desafio foi percebido. O formato escolhido para a apresentação do produto não era o ideal. Acreditávamos que a separação do documentário em episódios seria a melhor forma de o projeto alcançar o maior número de pessoas, mas foi notado que, como o objetivo desde o início era mostrar o antes, o durante e o depois da experiência em situação de rua dos personagens, o formato mais adequado seria um documentário inteiro, porque assim, o público já teria acesso a todo o conjunto da obra e não a sua fragmentação. Pensando nisso, optou-se por dar continuidade no projeto e para o próximo semestre o Marcus Vinícius vai modificar o formato de série para um único documentário.

E será neste novo formato que iremos exibir o documentário na UnBTV – TV universitária da Universidade de Brasília, inscrever o projeto em festivais universitários e consequentemente fazer com que o maior número de pessoas tenham acesso a esse trabalho e reflitam sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que estão em situação de rua no Distrito Federal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fabiana; SEBRIAN, Raphael. **JORNALISMO HUMANIZADO: o ser humano como ponto de partida e chegada do fazer jornalístico.**2008

BARBOSA. Lílian Gomes. **Atendimento à população em situação de rua: análise referencial de serviço socioassistencial de São Paulo e Brasília.** 2015. 64 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015 p.12. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/17307>>, acesso em 06 de setembro de 2017.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil** - atual. Até a Emenda Constitucional nº 57, de 18/12/2008. - São Paulo: Editora Escala, 2009.

CERQUEIRA, Amarantha Sá Teles de. **Evolução do processo social população em situação de rua: um estudo sobre pobreza, necessidades humanas e mínimos sociais.** 2011. 97 f. Monografia (Bacharelado em Serviço Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2573/1/2011_AmaranthaSaTelesdeCerqueira.pdf>, acesso em 07 de setembro de 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** São Paulo: Contexto, 2009.

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** Atlas, 2005.

GIORGETTI, Camila. **Moradores de rua: Uma questão social?** São Paulo: PUCSP-EDUC; 2006.

MARTINS, Yure Rodrigues Araújo. **Relatos ébrios: itinerário terapêutico de moradores de rua em Taguatinga-DF.** 2016. 60 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Saúde Coletiva)—Universidade de Brasília, Ceilândia, 2016. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/15988>>, acesso em 06 de setembro de 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa divulga população do Distrito Federal em 2017**. Agosto de 2017. Conteúdo disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

IJUM J. K. JORGE KANEHIDE IJUIM: SOBRE O JORNALISMO HUMANIZADO: depoimento. [Janeiro-Junho de 2016]. São Paulo: *Revista Alterjor*. Entrevista concedida a Suzana Rozendo Bortoli.

MARTINS, Yure Rodrigues Araújo. Relatos ébrios: itinerário terapêutico de moradores de rua em Taguatinga-DF. 2016. 60 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Saúde Coletiva)—Universidade de Brasília, Ceilândia, 2016. p. 21.

MATTOS, R.M.; Ferreira, R.F. **Quem vocês pensam que (elas) são?** Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*; 16 (2): 47-58; maio/ago.2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a07v16n2.pdf>> acesso em 06 de setembro de 2017.

MEDINA, Cremilda. Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social. In: MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (orgs.). *Caminhos do Saber Plural : dez anos de trajetória*. São Paulo: ECA/USP, 1999. p. 23-36.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. In: *Intercom - 25º Congresso Brasileiro de Comunicação, Campo Grande, 2001*, Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP7MELO.PDF>>. Acesso em 15 de junho de 2017

META – instituto. **Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua** encomendada pelo Ministério do Desenvolvimento Social. 2008. Conteúdo disponível em: <https://wpp.org.br>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

MONTIPÓ, Criselli; FARAH, Ângela. **Relato humanizado no jornalismo: a importância da humanização na narrativa para um jornalismo transformador.** In: Mídia Cidadã 2009 - V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, 2009. Guarapuava. Anais. Guarapuava, 2009. p. 906 - 923. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/redemc>>. Acesso em 03 de novembro de 2017.

MOURA, Rodrigo Coelho Bacellar. **Política Nacional para População em Situação de Rua: uma análise da participação social no processo de implementação da política.** 2016. 30 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Gestão de Políticas Públicas)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/16261>>. Acesso em 06 de setembro de 2017.

NATALINO, Marcos Antônio Carvalho. **Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil.** Realizado pelo IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2015. Conteúdo disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

PEREIRA, Camila Potyara. Rua sem saída: Um estudo sobre a relação entre o Estado e a População de Rua de Brasília. Programa de pós-graduação em Política Social. Universidade de Brasília. 2008.

SANTOS, Daiane dos Santos. **O retrato do morador de rua da cidade de Salvador-BA: um estudo de caso: UNEB, 2009.**

SILVA, Fabíola Mariano da. **Humanização, comunicação e gestão centrada nas pessoas - entrevista em profundidade:** Laboratório Sabin. 2016. 56 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Trabalho e População em situação de rua no Brasil.** 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009

Referências audiovisuais

BOCA de rua - Vozes de Uma Gente Invisível. Marcelo Andrighetti. 10'01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/bocaderuaofilme>>. Acesso em outubro de 2017.

UMA página por dia - A síndrome de Down pelo olhar materno. Camila Castro e Victória Cristina Costa. Disponível em <<https://www.facebook.com/serieumapaginapordia/>>. Acesso em agosto de 2017.

UMA violência velada. Daniella Coriolano e Suelen Rocha. 13'19. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TwFztZGkXm0>>. Acesso em outubro de 2017.

O centro invisível. Tiago Pedro. 9'0. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/bocaderuaofilme>>. Acesso em novembro de 2017.

O osso da fala. Raphael Picerni e Sheyla Smanioto. 10'17. Disponível em <<https://ossodafala.wordpress.com/>>. Acesso em outubro de 2017.

SEQUIDÃO: Sol, Poeira e Esperança - Episódio Resistência - Parte I. Karina Gomes. 3'19. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9F0ttz7N0kw>>. Acesso em outubro de 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Carta de apresentação do projeto para apoio da UnBTV



Faculdade de Comunicação



Brasília, 28 de agosto de 2017.

À Ilma. Sra. Neuza Meller
Diretora de Jornalismo na UnBTV

Prezada Sra. Neuza Meller,

Venho, mui respeitosamente, por meio desta carta, solicitar apoio para realização de uma pesquisa que está sendo desenvolvida na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e tem como objetivo a produção de um webdocumentário intitulado: “Uma luta sem fim”, Projeto Final em Jornalismo de autoria dos alunos Neila Pereira de Almeida, matrícula 13/0060607 e Marcus Vinícius Barbosa Bezerra, matrícula 14/0027181, e tem a orientação da Professora Doutora Ana Carolina Kalume Maranhão (Matrícula UnB 1076949) sobre o trabalho de recuperação de usuários de drogas em situação de rua no Distrito Federal.

Como forma de entender e investigar esse universo, os alunos irão acompanhar as atividades de grupos voluntários. A ideia é apresentar a aproximação feita nas ruas, o acolhimento nos centros de recuperação e as histórias de superação resultantes da iniciativa. Por incluir a elaboração de conteúdo audiovisual, o projeto precisará de apoio técnico para o desenvolvimento de etapas importantes, como gravações em campo, entrevistas e edição do material captado.

Dessa forma, solicitamos a importante colaboração da UnBTV em uma parceria com o projeto, no que tange a produção de conteúdo e o empréstimo de equipamentos para as filmagens. O conteúdo elaborado poderá integrar a grade de programação da emissora, caso a haja interesse.

Universidade de Brasília - Faculdade de Comunicação
Campus Universitário Darcy Ribeiro - CEP: 70.910-900



**Faculdade de Comunicação**

☐

☐

Contamos com sua colaboração e desde já expressamos os mais sinceros agradecimentos e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários, pelo e-mail: marcusv.bbezerra@gmail.com e pelo telefone (61) 98259-8189.

Com minhas expressões de apreço e consideração.

Cordialmente,

Marcus Vinícius Barbosa Bezerra
Matrícula UnB: 14/0027181
Faculdade de Comunicação
Universidade de Brasília

Neila Pereira de Almeida
Matrícula UnB: 13/0060607
Faculdade de Comunicação
Universidade de Brasília

☐

☐

☐

☐

Universidade de Brasília - Faculdade de Comunicação
Campus Universitário Darcy Ribeiro - CEP: 70.910-900

☐

APÊNDICE II - Cronograma de marcações

CRONOGRAMA DE MARCAÇÕES			
	MANHÃ	TARDE	NOITE
SEG (18/09)			
TER (19/09)			
QUA (20/09)		<p>Episódio 3- O recomeço Quem: Cláudia e Ademir Contato: 99131-xxxx (Pastora Antonia) Horário: 15h Endereço: Luziânia</p>	
QUI (21/09)			
SEX (22/09)		<p>Episódio 3- O recomeço Quem: Adriano Lugoli Contato: (61) 98182-xxxx Horário: 15h Endereço: CSA - Unidade Gama</p>	
SÁB (23/09)			
DOM (24/09)			
	MANHÃ	TARDE	NOITE
SEG (25/09)		<p>Episódio 1 e 2 (antes e durante as ruas) Quem: Cláudia Contato: 99131-xxxx (Pastora) Horário: 14h Endereço: encontrá-los rodoviária e ir aos locais onde ficaram nas ruas em BSB</p>	
TER (26/09)			
QUA (27/09)			
QUI (28/09)		<p>Episódio 3- O recomeço Quem: Dani Contato: (61) 98287-xxxx Horário: 15h Endereço: Ceilândia</p>	
SEX (29/09)		<p>Imagens de cobertura: Palestra Quem: Adriano Lugoli Contato: (61) 98182-xxx Horário: 15h Endereço: CSA - Unidade Gama</p>	

SÁB (30/09)	Episódio 1 e 2 Quem: Adriano Lugoli Contato: (61) 98182-xxxx Horário: 15h Endereço: Setor comercial sul		
DOM (01/10)			
	MANHÃ	TARDE	NOITE
SEG (2/10)			
TER (3/10)			
QUA (4/10)	Episódio 1 e 2 Quem: Dani Contato: (61) 98287-xxxx Horário: 9h Endereço: Centro de Taguatinga		
QUI (5/10)		Episódio 1 e 2 Quem: Ademir Contato: 99131-xxxx (Pastora Antônia) Horário: 15h Endereço: Asa Sul	
SEX (6/10)			
SÁB (7/10)			
DOM (8/10)			
QUI (2-11)		Episódio 1, 2 e 3 Imagens de cobertura Cinegra: Lucas Cândia Horário: 16h Endereço: centro de Brasília	

Fonte: Neila Almeida (2017)

APÊNDICE III - Roteiro de perguntas

Tipo de Gravação: Entrevista	PLANO DE FILMAGENS: EPISÓDIO 1 e 2
Objetivo:	Focar em como era a vida antes das ruas, o que levou a situação de rua e durante o período na rua, como foi? Quais os medos, perigos e dificuldades enfrentadas?
Descrição das perguntas:	
1	Comece explicando como era sua vida antes das ruas, família, emprego?
2	O que ocasionou na perda do emprego e na mudança da sua rotina? Em outras palavras, quando as coisas começaram a dar errado?
3	Detalhe o problema que o levou a situação de rua.
4	Quando chegou a situação de rua, como foram os primeiros dias?
5	Ao todo, quanto tempo você ficou em situação de rua?
6	Detalhe as principais dificuldades de se estar em situação de rua?
7	Como era a sua rotina na rua?
8	Quais as lembranças mais marcantes desse período?
9	Você pensava em sair das ruas? Quais eram os planos?
10	Enquanto estava nas ruas, você sabia de seus direitos: acesso a abrigo, alimentação e saúde?
11	Recebeu algum auxílio? Como fazia para se manter?
12	Passou por alguma situação de preconceito? Conta para gente
14	Qual era o sentimento quando alguém o olhava com nojo, medo, ou simplesmente agia como se não tivesse te vendo?

Tipo de Gravação: Entrevista	PLANO DE FILMAGENS: EPISÓDIO 3
Objetivo:	Focar desde o pensamento de recuperação até as expectativas para o futuro
Descrição das perguntas:	
1	Durante o período nas ruas, como você encarava a chance de recuperação? Para você, sair daquela situação era uma possibilidade real, ou uma espécie de utopia?
2	Qual o fator determinante que lhe motivou a procurar tratamento?
3	Quais os principais desafios enfrentados durante esse período?
4	Conte-nos sobre o processo de transição. Alguma vez pensou em desistir? Quais as principais ajudas para enfrentar o desafio?
5	Qual era o principal objetivo que você esperava alcançar ao sair da rua?
6	Como você definiria a vida nas ruas? E o processo de recuperação?
7	E agora após a recuperação, o que você espera daqui para frente para o futuro?
8	Se você pudesse deixar uma mensagem para as pessoas que ainda estão em situação de rua, qual seria?

APÊNDICE IV - Roteiro final para edição

Episódio 1: O princípio

VIDAS MARCADAS: EPISÓDIO 1 - “O princípio”	
DIREÇÃO:	Marcus Barbosa e Neila Almeida
FOTOGRAFIA:	Alex Fábio, Bárbara Oliveira, Fernando Pires, Raphael Stei, Lucas Cândia
PRODUÇÃO:	Ana Paula Fonseca
ED. DE IMAGENS:	Julia Nogueira
ARTE:	Marianne de Lazari Ferreira
CENA DE AMBIENTAÇÃO ARQUIVO:	O princípio
SONORA 1: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_02 TEMPO DE CORTE: 1:26 -- 1:47 + 3:27 -- 3:45	<p>“A minha vida antes do álcool era uma vida normal eu trabalhava primeiro eu trabalhei em Brasília, depois eu fui para usina nuclear de Angra pela Odebrecht, mas sempre quis entrar para minha área que era a televisão jornalismo” (+)</p> <p>“Ai eu consegui entrar um colega me ajudou, levou um book que eu tinha e eu comecei a entrar para direção de arte, e para cenografia, para vários cenógrafos, para várias produções de arte de novela, de minissérie, de documentário”.</p>
SONORA 2: ADEMIR ARQUIVO: 970_4089_01 TEMPO DE CORTE: 00:25 -- 01:09	<p>“Minha vida antes de ir para rua, eu morava em São Bernardo do Campo, tinha uma pessoa que eu morei durante oito anos com ela. Só que certo dia eu tive uma discussão com ela, e do nada, aqueles cinco minutos que veio na cabeça eu abandonei tudo, joguei tudo para o alto e fui pra ruas”.</p>
SONORA 4: DANIELA ARQUIVO: 256_2764_01 TEMPO DE CORTE: 2:13 --3:00	<p>”Antes era normal, eu morava com minha família, tinha meus pais, meus irmãos tudo, casa sempre cheia, tinha meus trabalhos normais da escola, do dia a dia, da luta, saia para trabalhar, só que a gente sempre estava tendo problemas de relacionamento, sempre brigas, sempre discussão, sempre tudo que ia se fazer era acreditando, falando que eu não ia ser capaz, que eu não ia ser ninguém, ai a gente ia escutando essas coisas sempre e são coisas que não é bom para a gente guardar dentro da gente, tem coisas que não são bons para gente concentrar, e ai vai brigando e ai a gente vai criando mágoa, e a mágoa vai ficando ali guardada, e uma hora...”</p>
SONORA 3: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 1 Lugoli Áudio	<p>"Minha mãe ficou viúva quando eu tinha seis meses, meu irmão com três anos e minha irmã com seis anos. Para cuidar da gente,</p>

<p style="text-align: center;">sincronizado TEMPO DE CORTE: 00:18 - 00:46</p>	<p>minha mãe passava roupa. Ela sempre cuidou da gente com muito amor. Quando eu fui para a escola, eu sofri muito preconceito racial porque eu vinha de uma família de negros, com traços bem africanos. Eu sofria preconceito até dos professores, dos diretores”.</p>
<p style="text-align: center;">SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO:967_0430_02 TEMPO DE CORTE: 4: 03 -- 4:34</p>	<p>(4:03) A última novela que eu fiz foi avenida Brasil, que tinha um lixão, tinha várias cortinas que tinham que ser recicladas tapetes de tampinhas de garrafas pet, os brinquedos todos de garrafas pet, porta mantimentos, então eu tinha uma vida maravilhosa, eu recebia um salário, aliás cada trabalho que eu fazia eu recebia, meu Deus, dez vezes mais que uma pessoa recebe de um salário mínimo hoje”</p>
<p style="text-align: center;">SONORA 6: Daniela ARQUIVO: TEMPO DE CORTE: 4:34 --4:46 + 5:28 -- 5:39</p>	<p>“Ai eu consegui passar no vestibular e já começou as brigas, depois do primeiro semestre, que eu consegui trabalhar e pagar esse semestre todo, foi dias muitos difíceis” +</p> <p>“Quando eu tirei a carteira meu pai ficou bravo, primeira coisa que eu escutei foi vocêvai fazer o psicotécnico para saber se vc é doída, foi a primeira palavra que eu escutei”</p>
<p style="text-align: center;">SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO:967_0430_02 TEMPO DE CORTE: 8:42 --9:14</p>	<p>“No início de BSB não foi fácil também, a minha infância foi difícil. O começo foi muito difícil para chegar aonde eu cheguei, para cair da forma que eu caí, entendeu, então eu acho que a gente tem que se policiar muito. A minha mãe numa manhã saiu com uma calça laranja, uma blusa branca, do outro lado do rio, me acenou. É a única cena dela que eu me lembro, nunca mais (ela se emociona), e é difícil”.</p>
<p style="text-align: center;">SONORA: DANIELA ARQUIVO:256_2764_01 TEMPO DE CORTE: 5:51 --6:22</p>	<p>“Entãovocêvai sentindo, ne. vocêsair da faculdade à noite, chovendo, com um computador, com livros de faculdade, vocêfica em uma rua dessa daqui e o ônibus aqui vocêfica em uma rua dessa, aívocêcomeça dormindo uma noite, duas noites, vocêtem carteira, sua casa tem três carros eu pai não vem te buscar uma coisa que é 12 minutos da sua casa, em meia hora estava tudo resolvido. Aívocêcomeça a fazer o que? Vocêcomeça a se acostumar com as coisas, começa a olhar as coisas pelo outro lado”.</p>
<p style="text-align: center;">SONORA 3: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 1 Lugoli Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 01:16 -- 01:44</p>	<p>“Comecei depois, a me interessar por música na adolescência, tentei fazer piano, teclado e canto. Aí optei por um. Acabei optando por ficar só com o canto. Ai logo depois veio o cigarro, o álcool, a maconha... aos 16 anos comecei minha história com as drogas. ”</p>
<p style="text-align: center;">SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_01 TEMPO DE CORTE: 2:56 -- 3:30</p>	<p>“Já bebia na época, questão de festas, de sair com colegas, amigos, só que eu bebia cervejinha depois whiskyzinho, ah toma uísque, toma não sei o que, ah eu frequentava uns barzinhos e aí falavam ah, toma essa cachaça com cobra dentro, com caranguejo dentro. Só que o dinheiro acabou e eu passei a tomar aquilo que</p>

	chamam da pitchula, e comecei a beber cachaça”
SONORA 6: ADEMIR ARQUIVO: 970_4089_01 TEMPO DE CORTE: 04:24 -- 04:39	“Eu estava afundado na bebida. Eu começava a beber e falava que era socialmente, mas eu socialmente não conseguia parar. O meu social começava de tarde, todo mundo parava de beber e eu queria continuar sozinho acabando com tudo com era bebida”.
SONORA 3: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 1 Lugoli Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 02:04 -- 02:12	“Quando eu comecei a beber, a fumar maconha, eu desinteressei da escola, então abandonei a escola, não estudei mais e comecei a trabalhar”.
SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO:967_0430_02 TEMPO DE CORTE: 5:50 -- 6:03	“Quantas vezes eu fui da aula na televisão com uma garrafa de pitchula dentro da bolsa. Isso não se faz, entendeu? Então isso perde a credibilidade. Eu acho que não notam, mas notam”
SONORA 6: ADEMIR ARQUIVO: 970_4089_01 TEMPO DE CORTE: 04:01 -- 04:08	“O álcool que dominava. O álcool para mim era: dormir bebendo e acordar no outro dia bebendo, porque eu precisava beber”.
SONORA 3: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 1 Lugoli Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 02:30 -- 03:04	“Mas para mim, o divisor de águas foi quando eu estava numa praça com um amigo. A gente tinha bebido pra caramba e apareceu uma moradora de rua. Ela ofereceu para gente crack, e aí foi uma droga que mexeu muito comigo porque o efeito do crack é diferente das outras drogas. Eu ficava triste, deprimido, mal, era uma dependência. Eu perdi o controle, perdi o domínio próprio. Eu saía com 50 reais para gastar e gastava 300. De repente, gastava todo o salário numa tarde”.
SONORA: DANIELA ARQUIVO:256_2764_01 TEMPO DE CORTE: 7:59 --8:13 + 8:25 -- 8:40 + 9:15 --9: 22	“Eu tinha acabado de fazer uma viagem da faculdade, foi exatamente e eu cheguei muito feliz, eu tinha conseguido conhecer Foz do Iguaçu, tinha ido no Paraguai, argentina. Era uma excursão lá da faculdade. ”+ E aquele dia eu peguei carona com meu pai. E ele me falou algumas coisas e me ofendeu, ele me falou palavras muito duras e eu lembro que eu voltei para casa e nossa, aquilo ali me doeu” + “Foi aí que coloquei minha mochila nas costas e acabou, falei eu estou indo e eu não volto mais”
SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_01 TEMPO DE CORTE: 1:26 -- 1:53 + 2:16 -- 2:31	“Eu sofri um acidente no estado do RJ, na avenida das Américas eu e meu irmão e ele veio a falecer, e eu fiquei três meses em um hospital, e na época, eu não era casada ainda e eu passei uma procuração para o meu namorado que eu tinha na época e foi 180 mil que eu passei nessa procuração” + “Quando tu sai do hospital, eu morava em uma kitnet pagava 250 reais e a pessoa não teve coragem de pagar nem o meu aluguel e simplesmente o proprietário me pediu e me falou olha, me desculpa mais eu preciso da casa”

<p>SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 1 Lugoli Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 03:24 -- 03:47</p>	<p>“Chegou um ponto que eu passei a vender as coisas de casa. Minha irmã saiu de casa para conseguir completar os estudos, senão ela não ia conseguir, e meu irmão falou para minha mãe optar: ou eles, ou eu. Aí minha mãe teve que fechar as portas para mim. Aí começou minha história nas ruas”.</p>
<p>SONORA: Daniela ARQUIVO:256_2764_01 TEMPO DE CORTE: 9:53 --10:16 + 1:20 -- 1:24</p>	<p>“Eu não tinha muita coisa não, eu só tinha uma mochila, uma peça de roupa lá que eu tinha usado, a roupa que eu estava vestida e uma peça de roupa que estava dentro da mochila e meu caderno. Deixei meu computador para traz, deixei tudo.</p> <p>E eu olhei assim para mim, naquele dia e falei para mim e falei eu vou viver isso aqui o, essa liberdade aqui. Vou trabalhar no meio desses carros aqui, vou pagar minha faculdade direitinho” + “foi exatamente aqui que eu comecei uma nova trajetória”</p>
<p>SONORA: claudia ARQUIVO: 967_0430_01 TEMPO DE CORTE: 4:27 --4:39</p>	<p>“Isso foi uma das coisas que me levaram mais ainda para a situação de rua, pq uma coisa puxa a outra, conhece um morador de rua e como eu não tinha dinheiro, se conhece um, conhece outro. ”</p>
<p>SONORA 2: ADEMIR ARQUIVO: 970_4089_01 TEMPO DE CORTE: 00:48 ---01:09</p>	<p>“Eu saí de casa só com a roupa do corpo e a chave do carro que eu tinha na época, só isso. Fui deixando tudo para trás por uma briga de momento, deixei tudo. Desse dia, eu peguei um caminho sem volta, não consegui voltar para trás”.</p> <p>Fim</p>

Episódio 2: A rua

CENA DE AMBIENTAÇÃO ARQUIVO:	A rua
<p>SONORA: DANI ARQUIVO: 256_2767_01 TEMPO DE CORTE: 5:16 -- 5:21</p>	<p>“Você já entra para rua querendo sair da rua, você sabe que ali você não tem conforto, então você entra”.</p>
<p>SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_03 TEMPO DE CORTE: 9:26 -- 9:38</p>	<p>“Quando eu comecei a ficar na rua foi aí mesmo, perdi a casa, e tinha a bebida e não tinha onde morar e fui morar debaixo de uma ponte”</p>
<p>SONORA: ADEMIR ARQUIVO: 970_4089_01 TEMPO DE CORTE: 08:14 -- 08:34</p>	<p>“No começo você está começando sozinho uma nova vida totalmente diferente da que eu tinha. Quando a gente tem casa a gente tem tudo. A gente já levanta com sua esposa fazendo seu café, você tem seus compromissos. Na rua é tudo ao contrário. Você começa a perder todo o foco de vida”.</p>
<p>SONORA: ADRIANO LUGOLI</p>	<p>"Além de estar na rua, tinha a questão de lidar, não só com o tráfego, mas</p>

<p>ARQUIVO: Take 1 Lugoli Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 07:07 -- 07:26</p>	<p>com meu vício. Eu tinha que correr atrás do vício. Era uma coisa que, por mais que meu corpo falasse: para, você precisa descansar, eu acabava de fumar e tinha que buscar mais.</p>
<p>SONORA: DANI ARQUIVO: 256_2767_01 TEMPO DE CORTE: 2:17 -- 2:30</p>	<p>“Eu tomei foi ódio de droga, raiva, você está ali todo dia trabalhando, tentando fazer uma alimentação, comprar um livro, fazer alguma coisa e gente brigando por causa de drogas p você ver o que a droga faz com a vida das pessoas, ela acaba”</p>
<p>SONORA: ADEMIR ARQUIVO: 970_4089_01 TEMPO DE CORTE: 07:06 -- 07:25</p>	<p>"Você vai aprendendo a sobreviver, vai aprendendo até a sobreviver do próprio lixo que a sociedade joga fora, você vai catar daquele lixo para sobreviver, vai comer do lixo dos outros, então você vai aprendendo. O dia-a-dia na rua vai ensinando a gente a sobreviver na rua.</p>
<p>SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_02 TEMPO DE CORTE: 00:13 -- 0:18 (+) 11:28 -- 11:37</p>	<p>“Você não dorme, é uma situação que nós não dormimos, não tem como dormir, q̄q barulho a gente acorda. (+) “De manhã quando o dia clareava era para mim era mais difícil, pq eu tinha vontade de fazer minhas necessidades e eu não sabia onde”</p>
<p>SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 1 Lugoli Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 06:12 - 06:28</p>	<p>" É um frio que dói na pele. Você coloca o braço, a cabeça dentro da blusa e parece que o frio não passa, é um frio que chega a doer no corpo, mas de noite também é terrível."</p>
<p>SONORA: Dani ARQUIVO: 256_2766_01 TEMPO DE CORTE: 9:58 -- 10:02 + 9:31 -- 9:45 + 10:25 -- 10:30</p>	<p>“A gente corta uma coberta assim no meio para não deixar o outro com frio” + “é um cuidando do outro, se pega uma blusa p um, pega p outro, se pega uma alimentação p um, pega alimentação p outro, se não tiver briga por causa de drogas, se não tiver guerra por causa de droga é um ajudando o outro” + “as pessoas que estão de fora não te veem não, é muito difícil, é muito difícil”.</p>
<p>SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_05 TEMPO DE CORTE: 2:22-- 2:45</p>	<p>“Para mim, muito dolorido é eu ver situações e não poder defender nada, de gente chegar e matar outro na sua frente, a pessoa dormindo e ter uma vingança com ela e você não poder, você fingir que está dormindo pq se você olhar para o lado pode sobrar para você. ”</p>
<p>SONORA: DANI ARQUIVO: 256_2766_01 TEMPO DE CORTE: 7:01 -- 7:14</p>	<p>(7:01) “o que as pessoas passam na rua é tudo, o perigo está toda hora, a chuva tai, a frio tai, a fome tai, e aí a tristeza chega mesmo. E você não tem forças não. Você não é super-homem não. ”</p>
<p>SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 2 Lugoli - Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 04:32 -- 04:37</p>	<p>Morar na rua é uma atitude suicida, a pessoa já esqueceu de viver, já desistiu de viver. Eu lembro que eu fumava aquele crack, pensava para morrer. Eu preferia morrer do que ter que arrumar mais cinco reais para fumar de novo.</p>

<p>SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_05 TEMPO DE CORTE: 6:55 --7:10 +7:30 -7:55</p>	<p>(6:55) A rua, só trás o que, doença, vocêfica mal, muito mal eu to ai, nem notei que to com catarata, pq não notei 7:10 + (7:30) levei um a queda, no braço que hj em dia meu braço nem sobe nem vai para trás pq bebi, ia atravessar ainda bem que foi o braço pq se é eu eu não estava aqui para contar essa história, ai é isso, além do braço tinha bebido, mas sempre a danada na mão”.</p>
<p>SONORA: DANI ARQUIVO: 256_2764_01 TEMPO DE CORTE: 11:09 -- 11:16 + ARQUIVO: 256_2764_02 TEMPO DE CORTE: 11:01 -- 11:15</p>	<p>“Eu descia ali para trabalhar, tava sempre trabalhando, sempre vestida de palhaça, comprei minhas tintas ali no armarinho, vivia com meus pinceis, tudo ali dentro da minha mochila”.</p> <p>(+)</p> <p>“11:01 todo dia os meus amigos me viam aí no sinal, buzinavam, brincavam e foi ai que teve vários problemas, ai acabou, acabou, ninguém mais queria fazer trabalho comigo, ninguém queria mais falar comigo”</p>
<p>SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_04 TEMPO DE CORTE: 03:00 -- 03:08</p>	<p>“O Preconceito contra pessoas que estão na rua, tem muito, eles não querem saber os motivos que levam aquela pessoa que está na rua”.</p>
<p>SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 1 Lugoli Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 15:40 -- 15:56</p>	<p>Você se sente um ninguém, um indigente, um nada. Ou às vezes as pessoas te apontam para te mostrar como um mau exemplo de tanto que você está feio, decadente.</p>
<p>SONORA: ADEMIR ARQUIVO: 970_4089_02 TEMPO DE CORTE: 08:24 -- 08:57</p>	<p>Tem sempre as pessoas que tratam a gente como lixo. A gente está deitada numa marquise, a pessoa chega, pisa até por cima de você, passa por cima de você e você é um saco de lixo. A gente se sente um saco de lixo lá jogado ... até quando é um saco de lixo, as pessoas vão lá e tiram, mas com a gente não, eles vão lá e pisam, não estão nem aí.</p>
<p>SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_04 TEMPO DE CORTE: 2:41 -- 03:00</p>	<p>“Quando eu chegava e pedia uma ajuda a pessoa fingia que nem te escutava, como pessoas que mudam, se está vindo aqui, passam por ali, entendeu, não passam perto de você, muito, existe demais, demais”</p>
<p>SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 2 Lugoli Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 05:08 -- 05: 30</p>	<p>“Eu não consigo explicar o que é pior, pq tudo é ruim. Ter que pedir e alguém te dar é ruim, a pessoa não te dar é ruim, a pessoa te dar uma bronca é ruim, a pessoa te tratar com um ser invisível é ruim, todas as situações na rua são ruins, não existe uma pior que a outra, todas são péssimas. ”</p>
<p>SONORA: DANI ARQUIVO: 256_2764_03 TEMPO DE CORTE: 2:41 --2:56</p>	<p>(2:41) é por isso eu falo, o problema não está na pessoa que está na rua, o problema está nas pessoas as pessoas começam a gerar tanto preconceito, tanta coisa, e ai vocêvai fazer o que vocêtem que continuar vivendo, independente das pessoas. (2:56)</p>

<p>SONORA: ADEMIR ARQUIVO: 970_4089_01 TEMPO DE CORTE: 08:41 -- 08:53 (+) 03:02 --03:22</p>	<p>“Para não decepcionar minha família, para eles não verem eu naquele estado, eu preferia sair de perto deles, andar, ir para praias, para lugares diferentes”. (+) “Foram seis anos conturbados, vivendo essa vida de estado para estado, até que certa vez, nessa andança, depois que eu passei pela Bahia, voltando para São Paulo de novo, quando eu estava no caminho eu passei pelo Rio de Janeiro, fiquei um certo tempo no Rio, pro lado de Angra. Há três anos atrás, em Angra dos Reis eu conheci minha atual esposa, a Cláudia, lá para o lado de Angra”.</p>
<p>SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_01 TEMPO DE CORTE: 7:41 --8:06 + 8:03-- 8:04 + 8:11 -- 8:15</p>	<p>(7:41) Ele morava em um barco em angra, ele me chamou, você não quer passar um tempo no barco, ele tomava conta de um pescador aí eu falei, eu vou, foi quando eu comecei namorar com ele, na época, só que ele tinha q ir até SP. (7:56) + (8:03) “Então nós fomos p lá”(8:04) + (8:11) eu conversei com ele, vamos para Brasília, vamos descer, e ele vai vamos” (8:15)</p>
<p>SONORA: ADEMIR ARQUIVO: 970_4089_02 TEMPO DE CORTE: 06:38 -- 06:53</p>	<p>Eu achava que andando, eu e ela andando nossos problemas resolviam. Eu pensava: a gente já ficou nessa cidade aqui, vamos passar para outra para ver se as coisas mudavam, mas não mudavam. As coisas só iam cada vez se afundando mais e a gente piorava cada vez mais.</p>
<p>SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_01 TEMPO DE CORTE: 8:37 -- 8:48 (+) 5:57-- 6:06</p>	<p>“ Foi uma trajetória difícil até chegar aqui, foram dois meses de viagens, estradas e estradas. + “E eu falei olha, eu vou sair dessa vida. Pq não aguento mais ficar nessa situação, para quem tem uma vida com casa com tudo estar em uma situação dessa não dava”</p>
<p>SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: Take 1 Lugoli Áudio sincronizado TEMPO DE CORTE: 12:51 -- 13:06</p>	<p>Quando eu estava na rua, eu não conseguia ver nenhuma saída. Eu pensava que ia morrer ali, era uma dependência muito forte, era algo muito novo. Por mais que o meu corpo pedisse para parar, eu não conseguia parar.</p>
<p>SONORA: Dani ARQUIVO: 256_2767_01 TEMPO DE CORTE: 6:04 -- 6:18</p>	<p>“ Mas eu não queria me acomodar nisso não, queria sair daqui. Ter minha casa, ter outra vida. Ter outras responsabilidades, ter meu emprego formal, eu vamos com outra coisa, não com a rua.”</p>
<p>SONORA: CLÁUDIA ARQUIVO: 967_0430_06 TEMPO DE CORTE: 1:01--1:21</p>	<p>“a gente tem capacidade, cada um de nós. Quem é que não erra nessa vida, eu erro, todo mundo erra, nunca ninguém diga que nunca errou, mas a gente tem a condição de se recuperar, só depende de nós mesmo, temos que querer aqui no coração”</p>

Episódio 3: O recomeço

VIDAS MARCADAS: EPISÓDIO 3 - " O recomeço "	
CENA DE AMBIENTAÇÃO ARQUIVO:	O recomeço
SONORA: DANI ARQUIVO: 965_0748_03 TEMPO DE CORTE: 05:51 -- 6:13	“A rua ela acaba com você, ela acaba com o seu interior, e as pessoas dependem da força, dependem muito do que você quer. Se você quer algum objetivo você busca até o fim e a rua destrói tudo isso e você tem que ter foco. Ai você não tem nada e ainda vai se entregar, é assim que eu pensava”
SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: 1 PARTE ENTREVISTA TEMPO DE CORTE: 01:27 - 01:51	“Eu encarava aquela situação como impossível de recuperar pq aquela droga era meu alimento na época. Eu vivia para consumir o crack. Eu não conseguia mais abandonar. Eu larguei o emprego, amizades, a minha família, então eu estava esperando ou ser preso ou morrer naquela situação. Eu não conseguia ver saída. ”
SONORA: Ademir ARQUIVO: 967_0340_03 TEMPO DE CORTE: 8:52 - 9:06	“Eu falo que eu me arrependo de várias coisas, e o primeiro é de não ter me arrependido antes das coisas que eu estava fazendo, das bebedeiras, isso eu me arrependo mesmo. ”
SONORA: DANI ARQUIVO: 965_0748_01 TEMPO DE CORTE: 13:05 - 13:26	“Desistir nunca, desistir de sair da rua nunca. A rua é muito difícil. Todo dia você está num lugar diferente, todo dia você tem que se alimentar num lugar diferente, todo dia você tem que correr para comer num lugar diferente, todo dia você tem que arrumar um lugar pra tomar banho quando você não consegue você fica não sei quantos dias sem tomar banho, então desistir jamais. O negócio é você ter mais força”
SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: 1 PARTE ENTREVISTA TEMPO DE CORTE: 04:28 - 05:00	“O fator marcante para eu conseguir ter o estalo para sair daquela situação e procurar ajuda foi entender que eu estava doente. Quem me ajudou a entender isso foi a minha irmã. Ela me procurou, procurou minha mãe e disse que assim como uma pessoa com câncer precisa de tratamento, eu tb estava doente e precisava de tratamento. Assim eu entendi que precisava ir para uma casa de recuperação, e lá tudo mudou. ”
SONORA: Claudia ARQUIVO: 967_0340_01 TEMPO DE CORTE:	“Numa noite dessas eu estava em frente a uma igreja na 504 sul, e uma empresária fazia o resgate com o trabalho de rua e ela nos perguntou se nós gostaríamos de ir para um casa de recuperação. E eu nem sabia que eu era uma casa de recuperação. ”

8:14 - 8:35	
SONORA: Ademir ARQUIVO: 967_0340_01 TEMPO DE CORTE: 10:56 - 11:11	“Ela falou vou te arrumar um lugar, mas não some daqui não que sempre eu vou estar passando e por uma semana ela ficou ali entrando em contato comigo até arrumar a casa de recuperação p nos, para mim e para Claudia”
SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: 1 PARTE ENTREVISTA TEMPO DE CORTE: 07:26 - 07:48	“Eu tinha vergonha do restante da minha família saber que eu estava numa casa de recuperação, então eu estava preocupado com o que as pessoas pensavam, até chegar um ponto em que eu falei: não, eu não posso me preocupar com isso. Não importa se toda a minha família vai ficar sabendo. Eu preciso ir para lá pq senão eu vou acabar morrendo. Aí nesse ponto eu aceitei o tratamento. ”
SONORA: DANI ARQUIVO: 965_0748_01 TEMPO DE CORTE: 02:31 - 02:48	“Você não quer ficar peregrinando pela rua, você não quer, você não mora na rua, você tá em situação de rua, algum fato determinante aconteceu porque você tá ali e quando isso passa você quer retornar de alguma forma para sua família, de alguma forma para seus objetivos, para sua casa, é por aí.”
SONORA: Claudia ARQUIVO: 967_0340_01 TEMPO DE CORTE: 12:07 - 12:31	“Mas nos primeiros dias deu vontade da gente sair correndo daquele portão. Pq a gente estava acostumada com a rua. Então acorda, vai beber e o corpo e o organismo cobra muito a bebida, principalmente pq é uma droga que não é proibida e em qlq bar você consegue”
SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: 2 PARTE ENTREVISTA TEMPO DE CORTE: 05:32 -- 6:09	“Depois que eu decidi entrar na casa de recuperação e ficar lá para valer, eu resolvi aproveitar as oportunidades, aí apareceu um cara para me dar aula de canto grátis, tive a oportunidade de conhecer uma jovem, nos casamos, tivemos filhos. Os filhos mudaram muito a minha vida, mudaram a concepção de tudo é o melhor presente que eu recebi”
SONORA: Dani ARQUIVO: 965_0748_01 TEMPO DE CORTE: 5:16 - 5:28	“Foi tudo uma força de vontade. Meu foco era terminar a faculdade, estudar, terminar o que eu tinha sempre sonhado. Eu batalhei para estar lá na faculdade, eu tinha feito o que era correto, eu só precisava me organizar de novo”
SONORA: Claudia ARQUIVO: 967_0340_02 TEMPO DE CORTE: 9:24 - 10:00	(9:24) e para mim e para o Ademir, nesse momento, nesse final, a gente não esperava que daquele resgate que foi feito. (ela se emociona). Fosse ter tanta repercussão e fosse ter tanta coisa pq eu não sabia mais o que eu era ter uma casa, ter uma cama quente, uma comida para comer, um café, sem está batendo em restaurantes. ”

<p>SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: 2 PARTE ENTREVISTA TEMPO DE CORTE: 08:21 -- 8:56</p>	<p>Tudo que tem acontecido da casa de recuperação para ca é surpresa. EU não esperava conseguir ter uma família tão bonita, ser modelo nunca pensei, achei q não era pra mim. No dia que eu desfilei, participei do Capital Fashion Week, quando via as fotos, grifes que me patrocinam, academia, quem cuida da parte estética.</p>
<p>SONORA: DANI ARQUIVO: 965_0748_04 TEMPO DE CORTE: 1:09 -1:30 (+) 11:00 -11:03</p> <p>OBS: P/ NÃO FICAR CANSATIVO, FIZEMOS PLANOS DETALHE DESSA ENTREVISTA. PODE-SE USAR NA EVDIÇÃO.</p>	<p>“ hoje eu estou indo nas faculdades, já fui em várias faculdades do setor, já fui na câmara, já me chamaram para dar palestras em vários locais e hj eu to falando um pouco de tudo, do projeto da revista que tem fortalecido, tem dado muito oportunidade para as pessoas em situação de rua se levantar de uma forma digna”</p> <p>+“A revista traços é um projeto de ressocialização de pessoas em situação de rua”</p>
<p>SONORA: Ademir ARQUIVO: 967_0340_03 TEMPO DE CORTE: 1:26 - 1:42</p>	<p>“Foram tantas coisas boas que já aconteceu que cada coisa que vai acontecendo que é uma novidade, tem coisas que nem dá para expressar mais de tanta felicidade que eu e a Claudia estamos sentindo juntos.”</p>
<p>SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: 3 PARTE ENTREVISTA TEMPO DE CORTE: 09:00 - 9:43</p>	<p>“Quando eu peguei meu primeiro filho no colo, o Moisés, meu deus, como a minha vida mudou. É como se deus falasse:está vendo como vale a pena, olha o presente que eu estou te dando, e de repente veio outro presente, o Daniel. Eu olho assim que, eles não estariam ali se eu não tivesse lutado, e cada vez que tu vens e me abraçam. Eles são muito apegados a mim [emocionado] é muito forte, muito bom”</p>
<p>SONORA: Claudia ARQUIVO: 967_0340_03 TEMPO DE CORTE:0:34 - 0:44 + 1:13- 1:17</p>	<p>(0;34) JÁ FIZERAM UM CHÁ, ganhamos uns presentes, que ainda não abrimos, está lá aguardando o casamento que elas estão organizando” +</p> <p>1:13 “eu só tenho a agradecer a cada uma das pessoas que estão nos ajudando”. (1:17)</p>
<p>SONORA: Dani ARQUIVO: 965_0748_02 TEMPO DE CORTE: 2:40 - 3:08)</p>	<p>“Quando a gente olha para trás, quando eu precisei gravar, tirar as fotos para por nas páginas da revista, eu olhei para trás e vi o quanto eu caminhei, só naquele dia eu olhei para trás e vi o quanto que eu tive força. Agora saber o mesmo no meu interior o que realmente aconteceu só deus, pq olhando hoje eu não teria coragem de fazer o que eu fiz”</p>

SONORA: Ademir ARQUIVO: 967_0340_04 TEMPO DE CORTE: - 0:45 - 1:11	“ Para aqueles q estão lá, como eu já estive tb o caminho certo é esse, deixar tudo de errado p trás, se arrepender das coisas erradas e olhar p frente se tem uma nova oportunidade de alguém chegar até eles e falar vamos p uma casa de recuperação p você tentar né, não é falar que você vai conseguir, mas pelo menos tentar né”
SONORA: DANI ARQUIVO: 965_0748_03 TEMPO DE CORTE: 10:22 - 10:26- (+) 09:00 - 9:10	“Tenho contatos diários todos os dias, no dia a dia, com minha família, meus irmãos” + “Meu pai eu consegui centralizá-lo no silêncio, do o silêncio para ele, a resposta que eu tenho para ele é o silêncio”
SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: 3 PARTE ENTREVISTA TEMPO DE CORTE: 03:19 -- 3:22 + 3:58 -4:23	“Hoje eu tenho a oportunidade de ajudar outras pessoas (+) “e depois que essa história foi p jornal, revista, tv, eu falei eu preciso organizar um começo, meio e fim, aí organizei minha história, acrescentei uns vídeos, fotos e montei minha palestra, que eu chamei de super-ação, que fala da ação da minha mãe e da minha irmã me ajudando”
SONORA: DANI ARQUIVO: 965_0748_02 TEMPO DE CORTE: 8:52 - 9:20	“ Toda pessoa que está em situação de rua ela precisa de ajuda para sair daquela situação, seja das pessoas de fora, seja de alguma forma, de alguma palavra de alguma pessoa, ela precisa de ajuda para ser levantava, pq muitas vezes ela lá sozinha não vai conseguir.
SONORA: ADRIANO LUGOLI ARQUIVO: 2 PARTE ENTREVISTA TEMPO DE CORTE: 6:11 - 6:33	“Aí apareceu a oportunidade de trabalhar como modelo, algo que eu nunca esperava (por ter sofrido muita discriminação). Quando vi os primeiros anúncios, propagandas aquilo para mim foi surpreendente. Eu falei: poxa, eu posso alcançar algo. ”
SONORA: Claudia ARQUIVO: 967_0340_02 TEMPO DE CORTE: 13:13 - 13:21	“Desde o início, eu não imaginei sair daqui nem casada no civil nem no religioso nem ter uma casinha para morar”
SONORA: Ademir ARQUIVO: 967_0340_02 TEMPO DE CORTE: 7:06 - 7:32	“Vamos continuar nossa vida aqui perto mesmo, vou arrumar um emprego, já tem pessoas nos ajudando nisso, e vou continuar e poder estar ajudando aqui na casa, do mesmo jeito que alguém um dia chegou p gente lá fora e nos trouxe p cá, a gente tb vai estar fazendo a mesma função de buscar aqueles e trazer para lugar mais digno”

SONORA: DANI ARQUIVO: 965_0748_03 TEMPO DE CORTE: 11:29 - 2:00.	“Na verdade, o que eu tenho para passar é para as pessoas que estão bem, que quando eles passarem pelas pessoas que estão na rua, levanta elas, pq elas precisam de ajuda e com certeza se vc parar para conversar com pessoas em situação de rua vc vai escutar histórias incríveis, de todos os tipos de pessoas, de profissões, o que as pessoas que estão na rua precisam é de oportunidades. Se elas tiverem uma única oportunidade elas conseguem.”
	Clipe de Imagens de todos eles e o fechamento com os créditos.

Fonte: Neila Almeida e Marcus Vinícius (2017)

ANEXOS

ANEXO I - Autorização de uso de imagem

Vida nas Ruas

Brasília, ____ de Setembro de 2017

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Pelo presente Instrumento Particular neste ato, eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, inscrito(a) no CPF sob nº _____. AUTORIZO sem qualquer ônus, o uso da minha imagem em todo e qualquer material produzido, entre fotos, gravações e documentos, para ser utilizada em filmes, campanhas promocionais, institucionais ou de todo teor que haja vinculação com o webdocumentário **Vida nas Ruas**, sendo essas destinadas à divulgação ao público em geral (está incluso o direito de não utilizar parte ou todo o material registrado durante o processo). A presente autorização é concedida a título gratuito e abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) home page; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (X) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (XI) mídias digitais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, entre outros).

O “filme” poderá ser explorado, sem limite de tempo, em todo o mundo e todas suas versões dubladas e legendadas, em todas as plataformas e mediante todos os meios atualmente conhecidos ou desconhecidos. Através dessa, também fazem a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionados às minhas imagens na produção do documentário. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorização em qualquer custo ou ônus, seja à que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretroatável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Assinatura

Nome, Sobrenome:

ANEXO II – Versão de arte para mídia



Fonte: Marianne de Lazari (2017)

ANEXO III - Versão de capa do DVD



Fonte: Marianne de Lazari (2017)